

UNIVERSIDADE DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
HABILITAÇÃO EM RELAÇÕES PÚBLICAS

Jamille Almeida da Silva

**A COMUNICAÇÃO NOS PROJETOS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL:
O Brasileco e seu diálogo com as crianças**

Porto Alegre
2014

Jamille Almeida da Silva

**A COMUNICAÇÃO NOS PROJETOS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL:
O Brasileco e seu diálogo com as crianças**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, habilitação em Relações Públicas na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ilza Maria Tourinho Girardi

Porto Alegre

2014

Jamille Almeida da Silva

**A COMUNICAÇÃO NOS PROJETOS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL:
O Brasileco e seu diálogo com as crianças**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado ao Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, habilitação em Relações Públicas na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ilza Maria Tourinho Girardi

Conceito final:

Aprovada em: _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a Dr^a. Ana Maria Dalla Zen

Prof^a Dr^a. Carlise Porto Schneider Rudnicki.

Orientadora - Prof^aDr^a. Ilza Maria Tourinho Girardi

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha orientadora, por aceitar me orientar em um texto emergente e pelo seu empenho, competência e sensibilidade na orientação.

Agradeço aos professores da banca que aceitaram examinar o meu trabalho e contribuir com sua competência e talento.

Agradeço aos meus familiares, biológicos e de coração, que sempre incentivaram a investir nos estudos, em especial a minha mãe, mulher guerreira que não mediu esforços para me dar uma boa educação, a minha avó, pelo carinho com que sempre embalou os meus sonhos, e, nesses últimos anos, aos meus tios, que nunca tiveram dúvidas de que eu conseguiria realizar esse trabalho, com empenho e dedicação. Agradeço a Deus pela minha vida, pelas oportunidades e pelas pessoas que colocou no meu caminho, que proporcionam tanto afeto à minha vida.

Agradeço ao Colégio Maria Auxiliadora por possibilitar a realização da pesquisa com os estudantes, utilizada neste trabalho. E por sempre nos receber carinho, respeito e por acreditar no trabalho desenvolvido com o Brasileco junto aos estudantes.

Agradeço à UFRGS por me proporcionar conhecimento de qualidade e gratuito, e por todos os amigos que irei levar comigo nessa nova etapa da minha vida.

Quando o Pequeno Príncipe encontrou a raposa na sua ida a terra e propôs a ela que brincassem, pois se sentia triste e sem amigos naquele momento, a raposa respondeu que ainda não poderia brincar com ela porque ainda não tinha sido cativada. A conversa continua, e, não contente, o pequeno príncipe insiste:

-Que quer dizer cativar?

-É algo quase sempre esquecido – disse a raposa. – Significa “criar laços”...

- Criar laços?

- Exatamente – disse a raposa. – Tu não és ainda para mim senão um garoto inteiramente igual a cem mil outros garotos. E eu não tenho necessidade de ti. E tu também não tens necessidade de mim. Não passo a teus olhos de uma raposa igual a cem mil outras raposas. Mas, se tu me cativas, nós teremos necessidade um do outro. Serás para mim único no mundo. E eu serei para ti única no mundo.

Então, o Pequeno Príncipe aprendeu a lição, ou melhor, um segredo:

Ao criar laços, nos tornamos únicos aos olhos do outro e, o outro, se torna único aos nossos olhos.

Antoine de Saint-Exupéry

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar de que forma a Comunicação contribui com as ações relacionadas ao desenvolvimento de uma consciência ambiental de estudantes utilizando a figura do personagem infantil Brasileco. Os principais referenciais teóricos para este estudo permeiam a teorização sobre a Comunicação com base fundamental nas reflexões de Bordenave (1984), Marcondes Filho (2008; 2009) e Wolton (2011); sobre a Educação Ambiental e seus desdobramentos serão abordados por Reigota (2006), Carvalho (2008) e Freire (2013); e a conexão entre as áreas citadas pela proposta da pedagogia da comunicação, será realizada à luz de Medina (2006), Freire (2011a; 2011b) e Künsch (2014). O caminho metodológico percorrido consiste em um estudo descritivo com abordagem qualitativa, por meio de pesquisa bibliográfica e, para a coleta dos dados, empregamos como instrumento a aplicação de questionário com perguntas abertas e fechadas aos estudantes do Colégio Maria Auxiliadora, Canoas/RS do 4º ano e 5º ano das séries iniciais. Esse estudo busca identificar que elementos caracterizam a comunicação entre o Brasileco e as crianças; investigar se há identificação entre as crianças e o personagem; verificar se o processo de comunicação desencadeado pelo Brasileco pode engajar os estudantes nas ações propostas para a educação ambiental. Com a análise dos questionários, percebemos que comunicação estabelecida entre um personagem e os estudantes é capaz de tecer diálogo, troca e experiências. O Brasileco e a sua história se mostraram capazes de despertar a alfabetização ecológica pelo viés de uma pedagogia da comunicação.

Palavras-chave: comunicação; educação ambiental; pedagogia da comunicação; vínculo comunicacional; Brasileco.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 CONHECENDO O OBJETO	14
2.1 QUEM É O BRASILECO?	14
2.2 SOBRE O LIVRO E AS MÚSICAS	15
2.3 PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL BRASILECO NO COLÉGIO MARIA AUXILIADORA	17
3 A COMUNICAÇÃO NA EDUCAÇÃO AMBIENTAL	20
3.1 COMUNICAÇÃO: VÍNCULOS E COMPARTILHAMENTO	20
3.2 UM OLHAR PARA EDUCAÇÃO AMBIENTAL	29
3.3 CAMINHOS CRUZADOS: UMA PEDAGOGIA DA COMUNICAÇÃO COM AFETO	38
4 BRASILECO: COMUNICAÇÃO E LAÇOS AFETIVOS NA EDUCAÇÃO AMBIENTAL	45
4.1 APRESENTANDO O CAMINHO PERCORRIDO	45
4.2 BRASILECO DIALOGA COM OS ESTUDANTES	46
4.2.1 Conversando sobre a história do Brasileco	47
4.2.2 Vamos conversar sobre a aparência do Brasileco	59
4.4.3 Conversando sobre o interesse no Brasileco e a mudança de hábitos ...	66
4.4.4 Conversando sobre as músicas do Brasileco	70
4.4.5 Analisando a percepção dos estudantes sobre o Brasileco	73
5 CAMINHOS POSSÍVEIS	79
REFERÊNCIAS	83
APÊNDICE A	85
APÊNDICE B	92

1 INTRODUÇÃO

A perspectiva interdisciplinar, no aprendizado acadêmico, tem conquistado espaço nas disciplinas de diferentes cursos de graduação, bem como em programas de pós-graduação, projetos de pesquisa e extensão nas Universidades. Esse novo olhar possibilita cruzar áreas como a Comunicação e a Educação Ambiental, cuja conexão favorece a emergência de teorias e o aprimoramento de algumas práticas, como também a possibilidade de compreender fenômenos que apenas encontram respostas quando percebidos por múltiplas lentes.

Por essa visão, a convergência das áreas da Comunicação e da Educação Ambiental vem se mostrando necessária, devido à complementaridade dos seus discursos sociais. Dessa forma, a ciência da comunicação está exercendo seu papel social ao contribuir com as mensagens e práticas comunicadas pela Educação Ambiental, que busca o despertar das consciências, as mudanças de comportamento, o entendimento do seu meio social, cultural, natural e a religação dos sujeitos com a natureza.

Acreditamos que a comunicação precisa ocorrer através de um processo dialógico e de trocas, no qual os diferentes sujeitos envolvidos no processo possam compartilhar informações e, principalmente, realizar interações sociais que propiciem a circulação do conhecimento.

Por outro lado, a Educação Ambiental tem assumido um papel importante na construção da consciência ambiental desde o início de nossa vida. Resoluções do Conselho Nacional de Educação determinam a inclusão de conteúdos/disciplinas nos currículos dos Cursos Superiores¹. Assim, ao desenvolver uma pesquisa que trabalhe com o entrelaçamento da Comunicação com a Educação Ambiental, acreditamos estarmos contribuindo com a formação desse novo saber que deverá ser incorporado pelos futuros profissionais da área da Comunicação formados na Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Nesse contexto, percebemos que esses campos do saber enfatizam a participação e o envolvimento dos sujeitos nos processos de interação, interpretando

¹ A Educação Ambiental está regulamentada pela Resolução Nº 2, de 15 de junho de 2012, estabelecendo as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Ambiental. Essa informação está disponível em: <http://conferenciainfanto.mec.gov.br/images/pdf/diretrizes.pdf>.

e modificando discursos e práticas. Dessa maneira, uma pesquisa de campo, que contemple essas áreas e questione tanto o papel da comunicação nos processos de aprendizagem ambiental, quanto os conteúdos e os instrumentos de comunicação utilizados para sensibilização dos sujeitos, demonstra relevância dentro dos estudos acadêmicos.

Para a realização do trabalho de conclusão do Curso de Relações Públicas, fomos inspiradas pelo personagem infantil Brasileco pela sua forma de comunicação com as crianças. Para isso, será utilizado como objeto o personagem e o projeto desenvolvido no Colégio Maria Auxiliadora de Canoas com os estudantes que realizaram o 3º ano das séries iniciais nos anos de 2012 e 2013.

Brasileco é um brasileiro que respeita e protege a natureza e todos os seres que dela fazem parte. É uma criança, representando a todos nós, brasileiros, que nesse aprendizado somos ainda carentes e temos muito a aprender. O nome “Brasileco” significa “brasileiro ecológico”. O personagem tem duas características marcantes: os cabelos verdes, que representam sua consciência ecológica e o pensamento no mundo inteiro, e o mapa do Brasil junto ao seu coração, representando o amor pelo nosso país e o respeito às nossas riquezas naturais.

Estudar a Comunicação pela perspectiva de um personagem, que tem como missão aprender e ensinar sobre os cuidados com a natureza e com o meio ambiente, favorece que sejam tecidas outras ligações dentro do próprio campo da Comunicação. Neste caso, falamos da comunicação afetiva e das contribuições que podem ser passadas para o ensino da Educação Ambiental, pois esta trabalha com a sensibilização dos sujeitos, procurando conscientizá-los e despertá-los para os problemas ambientais e sociais, mostrando-lhes que uma mudança de comportamento se faz necessária.

Sendo assim, ao passo que os sujeitos se permitem sensibilizar, ou seja, criar os laços sociais e permitir a convivência com o educador ambiental, este trabalho irá investigar se a figura do personagem “Brasileco” permite interação, compartilhamento e troca de sentimentos, estabelecendo, com o público infantil, um ato de comunicação dialógica e afetiva.

Mas, antes de continuarmos detalhando a pesquisa e introduzirmos os pressupostos que irão nortear este estudo, precisamos contar como e por que o

personagem Brasileco foi escolhido para ser analisado e qual o meu envolvimento e, por consequência, minha motivação por trabalhar com essa temática e os seus desdobramentos. Solicito ao leitor uma licença poética para trocar de pessoa, depois retomamos com o narrador atual.

Narrar a própria história parece ser muito mais difícil do que criar um enredo fictício. Estamos tão dentro das cenas, das falas, manipulando o roteiro, que até mesmo a nossa memória nos trai com ausências de fatos e informações, que nós sabemos que estão lá, em algum canto.

Quando falo sobre história pessoal como desafio, estou referindo a minha história, pois escrever este trabalho de conclusão de curso é observar um pouco da minha trajetória de vida nos últimos anos. Alguns pesquisadores não gostam de trabalhar com objetos tão próximos, para não falar de envolvimento, o que dificulta a análise e a visão crítica.

Então, peço licença para compartilhar algumas pinceladas do que minha memória permitir mostrar e convido o leitor (a) a conhecer uma passagem da minha história pessoal para que seja possível a compreensão do contexto deste trabalho. Prometo não me estender, mas gostaria de levá-lo (a), pelas linhas seguintes, como uma criança que houve atenta e se encanta com o que chega aos seus ouvidos através da contação de uma história.

Quando ingressei no curso de Comunicação Social – Relações Públicas na FABICO, sinceramente, não sabia que mundo iria encontrar e que pessoas estariam ali para fazer parte do meu caminho a partir daquele momento. Então, semestres vêm e outros vão, já conseguimos nos aproximar de algumas pessoas, estreitar laços com outras e, assim, esse mundo novo começa a fazer sentido. As oportunidades de estágios e bolsas na Universidade não demoram a surgir, com a promessa da tão esperada experiência que promete clarear a teoria vista em sala de aula.

Pois bem, foi nessa onda de oportunidades práticas que consegui o meu primeiro estágio na área de Comunicação, como bolsista na Faculdade de Ciências Econômicas da UFRGS, para auxiliar na organização do evento que iria comemorar o Centenário da Faculdade. Nesse momento, o meu grupo de convivência aumentou, porque na Economia eu conheci professores, servidores e outros

bolsistas da UFRGS. E as atividades que eu realizava colaboraram com o fortalecimento desse convívio, que acabou proporcionando um maior contato com algumas pessoas, como a participação nas reuniões da comissão organizadora.

Alguns professores faziam parte dessa comissão, em especial uma professora que sempre chegava e cumprimentava a todos com aperto de mão e um sorriso no rosto. Essa mesma professora sempre se mostrou muito solícita e receptiva; no final das reuniões conversava com as pessoas presentes e também com as bolsistas que faziam parte da organização, eu estava nesse grupo. Esses encontros possibilitaram algumas conversas que resultavam em histórias de vida.

Com o fim das reuniões, que duraram quase um ano, e a realização das atividades do Centenário, eu ainda permaneci na bolsa. Assim, ainda nos falávamos, porém, agora, com menor frequência. E em um desses momentos, ela me contou que tinha criado um personagem infantil e que se chamava Brasileco.

Ela me falou qual era a missão dele, mas ainda não tinha nada muito definido, pois tudo estava meio recente. E, no momento que ela me disse isso, comentou: “tu vê, nada acontece por acaso”. Essa frase foi porque ela tinha planos de trabalhar com o Brasileco e alguém, como eu, da Comunicação, poderia ajudar nesse processo.

Depois dessa conversa, outros diálogos tiveram a chance de irem surgindo e por meio deles a nossa aproximação foi se intensificando, construindo uma relação de confiança e criando um vínculo comunicativo. Nesse meio do caminho, eu deixei a FCE, mas, no mesmo período, houve a gravação dos videoclipes do Brasileco para duas músicas no Jardim Botânico, em Porto Alegre, da qual eu pude fazer parte.

Aqui o Brasileco ganhou vida como personagem com dimensões humanas, pois foi realizada toda a sua caracterização já com os seus elementos principais para apresentações em escolas e eventos ambientais. Agora o boneco existia para interagir com o público. Depois dos videoclipes gravados, ainda permanecia a questão, “mas, o que o Brasileco faz?” “para que ele serve?”. Ideias foram surgindo para tentar responder a essas perguntas, até que a sua criadora recebeu um conselho para escrever um livro infantil que contasse a história do personagem, a sua missão e explicasse o motivo das suas cores e roupas.

Depois de alguns meses, com a história criada, o livro ilustrado e lançado na Feira do Livro de Porto Alegre, o Brasileco estava pronto para seguir o seu caminho e plantar suas sementes em muitos corações, despertando a atenção das crianças, jovens e adultos para a causa ambiental.

Posso afirmar que uma das primeiras sementes espalhadas por ele germinou em mim, levando-me a repensar os meus hábitos e desejos de vida, passei a me relacionar e a perceber o ambiente com outros olhos. O Brasileco conseguiu com seu carisma e com a sua mensagem me tocar e sensibilizar para as problemáticas ambientais, confirmando, o que eu já acreditava: que todos nós devemos fazer a nossa parte, se quisermos viver em um planeta ambientalmente saudável.

E juntamente com a missão que o Brasileco recebeu: a de aprender e ensinar sobre os cuidados com a natureza e com o meio ambiente, ele também descobriu que o seu exemplo poderá ser seguido por muitas pessoas, formando uma grande corrente de aprendizado. Dessa forma, o personagem também tem o papel de unir as pessoas e mostrar a elas a importância da convergência das energias na realização de práticas positivas para o meio ambiente.

Depois de realizar algumas atividades com o Brasileco, acabei integrando o grupo que já vinha dando vida às suas ações. Em função dessa integração, tive a oportunidade de conhecer muitas pessoas encantadoras e dispostas a fazer a diferença, quando o assunto é a causa ambiental.

E com muitas dessas pessoas eu criei laços. Será que foram laços ambientais? A resposta vai ficar como um enigma, que está se revelando a cada dia, mas o que sei é que houve uma troca afetiva, no qual cada um permitiu tocar-se pelo outro e, assim, escrever novas histórias dentro da trajetória ambiental. Olhando para o meio dessa história, acredito que o Brasileco conseguiu me unir a muitas pessoas dispostas a ajudá-lo com sua missão e a dar vida às suas aventuras que irão contribuir para o bem de todos, formando a nossa corrente ambiental.

Após essa pausa literária, apresentamos o problema que guia esta pesquisa: Como um personagem infantil se utiliza da Comunicação para auxiliar na sensibilização de estudantes em relação ao desenvolvimento de uma consciência ambiental? Para realizar o estudo, definimos o seguinte objetivo geral: analisar de que forma a Comunicação contribui com as ações relacionadas ao desenvolvimento

de uma consciência ambiental de estudantes utilizando a figura do personagem infantil Brasileco na sensibilização desses sujeitos.

Como objetivos específicos, delimitamos: identificar que elementos caracterizam a comunicação entre o Brasileco e as crianças; investigar se há identificação entre as crianças e o personagem; verificar se o processo de comunicação desencadeado pelo Brasileco pode engajar os estudantes nas ações propostas para a educação ambiental.

Para dar conta dos objetivos, esta pesquisa trabalhou com o seguinte trajeto metodológico: levantamento teórico de conceitos de comunicação, de educação ambiental e de pedagogia da comunicação; análise do livro infantil Brasileco – O início da aventura; aplicação de questionário em duas turmas do 4º ano e duas turmas do 5º ano nos estudantes do Colégio Maria Auxiliadora; e, por fim, análise do material coletado para o estudo empírico, em uma perspectiva descritiva.

Esta pesquisa monográfica está estruturada em cinco capítulos. Após essa Introdução, no capítulo dois - Conhecendo o Objeto - apresentamos o personagem objeto dessa pesquisa, o Brasileco, pontuando suas características, função, a importância do livro que conta sua história, as suas músicas e Projeto de Educação Ambiental Brasileco. No capítulo três - A Comunicação na Educação Ambiental – serão apresentadas as teorias e conceitos que embasam essa pesquisa. A teorização sobre a Comunicação terá como base fundamental as reflexões de Bordenave (1984), Marcondes Filho (2008; 2009) e Wolton (2011); a Educação Ambiental e seus desdobramentos serão abordados por Reigota (2006), Carvalho (2008) e Freire (2013); e a conexão entre as áreas citadas pela proposta da pedagogia da comunicação, será realizada à luz de Medina (2006), Freire (2011a; 2011b) e Künsch (2014). No capítulo quatro - Brasileco: Comunicação e Laços Afetivos na Educação Ambiental – será apresentado o caminho metodológico traçado para realizar a pesquisa, a definição do *corpus*, a análise dos dados obtidos com a aplicação do questionário aos estudantes e as possíveis verificações desse material à luz da teoria apresentada. Por fim, no capítulo 5 – Reflexões – serão apontadas as inferências sobre a pesquisa realizada e algumas considerações sobre a temática estudada.

2 CONHECENDO O OBJETO

Neste espaço iremos apresentar o personagem objeto dessa pesquisa, o Brasileco, pontuando suas características e função. Também será comentada a importância do livro que conta sua história e as músicas que alegrem o encontro com as crianças. Por fim, contextualizamos o Projeto de Educação Ambiental Brasileco.

2.1 QUEM É O BRASILECO?

O personagem infantil chamado **Brasileco**, foi criado pela escritora Malu Furno, em 2010, e, desde então, vem realizando diferentes atividades em escolas, eventos de Educação Ambiental e projetos sociais.

O Brasileco tem por missão auxiliar nos processos de aprendizagem sobre os cuidados com a natureza e com o meio ambiente. Brasileco é um brasileiro que respeita e protege a natureza, os animais e o meio ambiente; é uma criança, representando a todos nós, brasileiros, que nesse aprendizado somos ainda carentes e temos muito a aprender.

O nome “Brasileco” une duas importantes palavras: Brasil e ecologia, para formar o “Brasileiro ecológico”. O personagem tem duas características marcantes: os cabelos verdes que representam sua consciência ecológica e o pensamento no mundo inteiro; e o mapa do Brasil junto ao seu coração, representando o amor pelo nosso país e o respeito às nossas riquezas naturais (figura 1). O Brasileco trabalha com o lema: “o mundo na mente e o Brasil no coração”.

FIGURA 1 – Imagem do Brasileco



Fonte: Livro Brasileco – O Início da Aventura

Na mensagem do Brasileco às crianças no livro que conta sua história, a qual será apresentada no próximo item, ele explica que tudo o que ele aprender, ele deverá ensinar. Assim, ele faz um convite ao leitor (FURNO, 2013, p. 7): “se você quiser, poderá aprender comigo tudo o que eu descobrir para ajudar a natureza e o meio ambiente, e, juntos vamos ajudar a melhorar o mundo para nós mesmos e para as gerações futuras!”.

A autora, em sua mensagem no livro, explica que o seu sonho é que o Brasileco se torne uma referência de consciência ambiental e, de uma maneira lúdica, auxilie em campanhas de escolas, de prefeituras e de estados, através da identificação natural que surge entre o personagem e as crianças. Assim, ele ajudará na conscientização da população sobre o seu papel proativo em relação à preservação e conservação da natureza.

2.2 SOBRE O LIVRO E AS MÚSICAS

A história do personagem ganhou vida no livro infantil “Brasileco - o início da aventura”, que foi lançado em novembro de 2010 em Porto Alegre e, atualmente, está na sua 2ª edição (figura 2) e na versão bilíngue português-inglês.

FIGURA 2 – Capa do Livro Brasileco – O início da aventura



Fonte: Livro Brasileco – O Início da Aventura

No livro, o Brasileco, na companhia de sua avó Nina e da Arara-Azul, uma arara mágica, inicia sua aventura descobrindo sobre os efeitos que o Planeta Terra está sofrendo em decorrência dos desmandos do homem sobre o meio ambiente. No início da sua aventura, o Brasileco também descobre qual a sua missão e como ele poderá ajudar natureza.

Sobre as asas da Arara-Azul, o personagem viaja até o ponto em que pode observar os efeitos do buraco de ozônio e dos gases que causam o efeito estufa. O texto, construído de forma simples e lúdica, remete à fantasia, sem descuidar das informações que está divulgando. Essas informações têm caráter científico, com o objetivo de que os conteúdos despertem, nas crianças, o sentimento de “Brasileiro Consciente” as engajando no comprometimento com os cuidados do ambiente que as cercam. Conforme está escrito na contracapa do livro do Brasileco, a história discorre assim:

Chovia muito e, na fazenda, todos diziam que a “Natureza estava brava”. Brasileco, criança esperta e curiosa, queria saber por que a Natureza estava brava. Ao perguntar para Vovó Nina, Brasileco descobriu que a Natureza não estava “brava”, mas sim, “doente”. Com a ajuda da Vovó Nina e da Arara-azul, um pássaro mágico, Brasileco vai descobrir por que a Natureza está doente e como ele pode ajudá-la. Venha descobrir com Brasileco como você pode ajudar a Natureza e o Meio Ambiente e descubra por que ele tem os cabelos verdes e o mapa do Brasil no coração! Você também vai querer ser BRASILECO! (FURNO, 2013, CONTRACAPA)

Pela mensagem da autora no livro, essa é apenas a primeira viagem do personagem. Ela explica que o Brasileco, em suas próximas aventuras, irá viajar por diversas regiões do Brasil para mostrar problemas ambientais locais, incentivando as ações que já estão sendo realizadas para contribuir com o ambiente e discutindo alternativas que tenham base científica para recuperação ambiental.

O Brasileco também tem quatro músicas, cujas letras buscam o divertimento das crianças ao mesmo tempo em que reforçam o seu sentimento e comprometimento com os cuidados com a natureza, com os animais e com o meio ambiente. Os títulos das músicas e o respectivo ritmo são: “Brasileco em todo o lugar”, gravada no estilo hip-hop; “Eu sou Brasileco”, em ritmo de Samba; “Consciência de Brasileco”, em ritmo de marcha de carnaval; e “Hora de Brasileco”, em ritmo infantil.

Assim, o texto e as músicas oportunizam a criação de diferentes atividades nas escolas para despertar o “sentimento de Brasileco” nas crianças, de modo que se sintam como o personagem: uma criança disposta a auxiliar as pessoas a cuidarem da natureza e do meio ambiente. Tais atividades têm por objetivo estimular o engajamento das crianças como defensoras desse processo de aprendizado sobre os cuidados, conservação e preservação do meio ambiente, inclusive na cobrança de mudança de atitudes de jovens e adultos.

2.3 PROJETO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL BRASILECO NO COLÉGIO MARIA AUXILIADORA

Com a apresentação do Brasileco e demais referências, podemos citar o projeto “Brasileco – educação ambiental por um mundo melhor para se viver”, que foi criado com o intuito de desenvolver atividades e ações lúdicas com o personagem para a educação ambiental. Assim, o personagem Brasileco é utilizado como instrumento no ensino e aprendizado sobre o sentimento de cidadania e o compromisso social com o meio ambiente, em especial com crianças das séries iniciais do ensino regular (1º ao 4º ano).

Inicialmente, os estudantes têm contato com o projeto através do livro “Brasileco - o início da aventura”, no qual conhecem a história do personagem e a sua missão, que é a de aprender e ensinar sobre os cuidados com a Natureza, com os Animais e com o Meio Ambiente. Os estudantes também trabalham, concomitantemente, com as músicas e com os videoclipes, sendo que estes últimos não serão abordados nesse trabalho. Por fim, o personagem do livro se materializa, em formato humano, na figura de um boneco (figura 3) divertindo e motivando ainda mais a participação e o engajamento das crianças. Aqui há um estreitamento de laços sociais afetivos com o personagem.

FIGURA 3 – Imagem humanizada do Brasileco



Fonte: Livro Brasileco – O Início da Aventura

Por conseguinte, o estudo proposto irá trabalhar com análises do desenvolvimento do projeto “Brasileco – educação ambiental por um mundo melhor para se viver” no Colégio Maria Auxiliadora, localizado no município de Canoas, na Grande Porto Alegre. O Colégio Maria Auxiliadora é uma instituição de ensino privado, com longa tradição na área de ensino, é membro das Escolas Associadas da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO e, no mês de maio de 2014, completou seu septuagésimo aniversário.

O Colégio adotou o Livro “Brasileco - o início da aventura”, pela primeira vez, no ano de 2012, com o objetivo de auxiliar no engajamento do ensino sobre os cuidados com o meio ambiente para os alunos dos 3º anos das séries iniciais, com idades entre 8 e 9 anos, sendo que permanece com o projeto até 2014. Segundo informações da Coordenadora de ensino das séries iniciais, Rosana Dieh, é a primeira vez que o Colégio mantém a adoção de um livro por mais de um ano letivo.

A instituição de ensino foi procurada para participar dessa pesquisa de trabalho de conclusão e, se mostrou totalmente receptiva, colaborando de forma muito solícita a todas as solicitações efetuadas por esta autora.

Em cada ano que o projeto se desenvolveu, o Colégio convidou a autora para a semana literária, ocasião em que o Brasileco a acompanhou para um evento com as crianças. Previamente ao evento, as professoras trabalham o livro com as crianças, assistem aos dois vídeos do personagem postados na internet e ensaiam

as músicas para cantar com o personagem. Durante o evento, as crianças fazem perguntas à autora e interagem com o personagem, dançando, cantando e tirando fotos.

As crianças que fazem parte da pesquisa desse trabalho estavam no 3º das séries fundamentais nos anos de 2012 e 2013, logo, iremos trabalhar com os estudantes que atualmente estão no 5º ano e 4º ano para responder os pontos norteadores da pesquisa.

3 A COMUNICAÇÃO NA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Entendemos que para compreender o papel de cada grande área do conhecimento nesta pesquisa, torna-se imprescindível uma discussão sobre o que se busca na Comunicação e na Educação Ambiental, estabelecendo as possíveis ligações entre os dois campos.

Dessa forma, esperamos demonstrar que a comunicação e a educação ambiental apresentam características semelhantes e objetivos em comum, sendo possível criar uma relação direta entre as duas áreas, tanto no campo do saber quanto nas ações práticas. E essas interconexões são possíveis e necessárias, pois, como afirma Morin: “aptidão para contextualizar e integrar é uma qualidade fundamental da mente humana, que precisa ser desenvolvida, e não atrofiada” (2003, p. 16). Logo, apresentamos uma reflexão sobre comunicação e educação ambiental, finalizando com a conexão das áreas em questão pelo viés de uma pedagogia da comunicação com afeto.

3.1 COMUNICAÇÃO: VÍNCULOS E COMPARTILHAMENTO

Falar sobre comunicação é ao mesmo tempo vê-la criando vida nos processos de troca e interação entre sujeitos, sujeito e objeto. A construção dos saberes utiliza como base os processos comunicacionais, que podem realizar-se pela escrita, pela fala, pelos gestos, por imagens, e por outras diferentes maneiras proporcionadas pelo avanço tecnológico. Dessa forma, entendemos que a comunicação, segundo Braga e Calazans (2011), faz parte da existência humana, pois é por meio dela que sociedades e comunidades ganham forma e se consolidam.

A comunicação confunde-se, assim, com a própria vida. Temos tanta consciência de que comunicamos como de que respiramos ou andamos. Somente percebemos a sua essencial importância quando, por um acidente ou uma doença, perdemos a capacidade de nos comunicar. [...] A comunicação é uma necessidade básica da pessoa humana, do homem social. (BORDENAVE, 1984, p. 19)

Por esses fatos, percebemos que a comunicação conquistou o espaço para incidir diretamente nas relações culturais, econômicas e políticas das pessoas e dos países. Logo, Bordenave (1984) lembra que uma das funções da comunicação é

possibilitar o relacionamento entre as pessoas e diferentes objetos, gerando uma transformação mútua e do seu meio social. Ele ainda informa que a comunicação é composta dos seguintes elementos: a) realidade ou situação onde se realiza, possibilitando a transformação; b) os interlocutores presentes; c) os conteúdos ou mensagens compartilhadas; d) os signos utilizados nas representações; e) os meios/canais utilizados para transmissão.

Apesar de citar os elementos que formam a comunicação, Bordenave (1984) acrescenta na discussão a existência da paracomunicação ou paralinguagem, descrevendo outras formas de realizar processos comunicacionais sem trocar mensagens de maneira consciente. Assim, “o tom da palavra falada, os movimentos do corpo, a roupa que se veste, os olhares do interlocutor, tudo tem algum significado, tudo comunica. [...] é impossível não comunicar” (BORDENAVE, 1984, p. 50), ou seja, até mesmo o silêncio comunica. Nessa dimensão também podemos elencar o papel do carisma transmitido por algumas figuras, conquistando e cativando a atenção de determinados grupos sem ser possível explicar as características que produzem esse fenômeno. Entendemos, desse modo, que por meio da comunicação é possível modificar (resignificar) os significados atribuídos para as coisas pelas pessoas, gerando a transformação de comportamentos, valores e ideias. Destacamos aqui o poder que a comunicação dispõe para colaborar e aprimorar a atuação e a evolução dos indivíduos, transformando-os em sujeitos ecológicos dentro do seu contexto social.

As discussões sobre o poder da comunicação já alimentaram muitos debates e teorias, colocando-a como um fator negativo dentro das sociedades, julgada por manipular, persuadir e seduzir “quem a recebe”. Por outro lado, temos a informação que, segundo Wolton (2011), é tida como séria e complexa, fazendo um contraponto à comunicação, ou, muitas vezes, utilizada como sinônimo de comunicar. Entretanto, para essa dualidade, Wolton afirma que informar não é comunicar, e defende a superioridade da comunicação, apresentando três razões.

A primeira discute a relação entre os sujeitos, enfatizando o fato de não existir comunicação sem informação, logo o ato de comunicar é mais difícil devido às trocas estabelecidas entre as relações que deverão ser construídas. O próximo argumento reflete sobre o descrédito dado à comunicação e a legitimidade

concedida à informação, apresentando desconformidade com a intensa busca pela vontade de se comunicar, justificada por todos os recursos investidos para aprimorá-la. Em relação ao terceiro ponto, Wolton (2011) questiona o fato de a comunicação estar ligada a situações ruins e a informação a coisas boas, sendo que as duas sempre estiveram juntas. Logo, por essa perspectiva, ele declara que:

Não há informação sem um projeto de comunicação. Há uma espécie de esquizofrenia nessa vontade de diabolizar a comunicação para louvar a informação. Quanto às tecnologias, da televisão à informática, elas desempenham, desde muito tempo, um papel essencial na emancipação individual e coletiva, sendo onipresentes em nossas vidas. (WOLTON, 2011, p. 12)

Por essas questões, entende-se que a comunicação deve ser (re) pensada, ou seja, é preciso canalizar as atenções para os novos desafios de comunicar; pois, segundo o mesmo autor, há um excesso de informações e há um engano ao achar que quanto mais se informa mais se comunica. Essa situação apenas enfatiza os desafios que a comunicação terá de enfrentar, incluindo as incertezas de seus processos e as dificuldades de se conviver e se comunicar em um mundo “sem fronteiras” e heterogêneo. Assim, Wolton resume o que este estudo está buscando apresentar: “a informação é a mensagem. A comunicação é a relação, que é muito mais complexa” (2011, p. 12). Dessa forma, entender a comunicação como relação, nos permite observar a possibilidade de interação do personagem com os estudantes por meio de diferentes recursos que divulgam a sua mensagem e incentivam o laço social.

No entanto, o aumento da produção e da circulação de informações tem revelado uma aparente vitória da informação sobre a comunicação, colocando-as, por vezes, em posição de igualdade. Mesmo com esse cenário, Wolton afirma que:

A revolução do século XXI não é a da informação, mas a da comunicação. Não é a da mensagem, mas a da relação. Não é a da produção e da distribuição da informação por meio de tecnologias sofisticadas, mas as das condições de sua aceitação ou de sua recusa pelos milhões de receptores, todos sempre diferentes e raramente em sintonia com os emissores. Os receptores, destinatários da informação, complicam a comunicação. A informação esbarra no rosto do outro. Sonhava-se com a aldeia global. Estamos na torre de Babel. (WOLTON, 2011, p.15)

A equivalência entre informação e comunicação, que se perpetuou durante décadas, projeta a ideia de uma comunicação automática, na visão do mesmo autor.

É preciso problematizar a comunicação e entender que ter acesso à informação não significa que se está comunicando, pois, para isso, é preciso haver aceitação e negociação por parte dos receptores. Também é necessário perceber que essa produção e transmissão de informação não significa um aumento de comunicação.

Por essa realidade, Wolton (2011) questiona como iremos conviver em sociedade se não escutamos e não entendemos o que está sendo informado, pois quanto mais informação circula, mais espaço se abre para a incomunicação. Com isso, o autor explica e problematiza os três elementos principais para formular a teoria da comunicação defendida por ele: *informação, comunicação e receptor*.

Dessa forma, ele explica que a informação está dividida em três categorias (oral, imagem e texto) que estão disponíveis em diferentes suportes, como: imprensa, internet e banco de dados. Salienta que ainda falta a informação relacional que está ligada aos suportes anteriores e também à comunicação humana.

Em relação à comunicação, Wolton (2011) informa que há três motivos pelos quais comunicamos e que podem estar misturados e hierarquizados. Assim, a intenção de compartilhar abre o caminho da comunicação, pois, para o autor (2011, p.17), “é uma necessidade humana fundamental e incontornável. Viver é se comunicar e realizar trocas com os outros [...]”. Em seguida vem a sedução, que permeia todas as relações, e, por último, a convicção, que guia a argumentação das explicações e repostas.

Comunicar, nessa perspectiva, está vinculado ao compartilhamento, aos sentimentos e ao amor, entrelaçando as relações estabelecidas nas diferentes percepções de tempo. Podemos comunicar, assim, utilizando o texto, a voz, as imagens, os gestos e o sorriso, sem esgotar outras possibilidades. Dessa forma, a relação que se estabelece aqui é a de que informação está ligada à mensagem, enquanto a comunicação envolve relação, compartilhamento e negociação (WOLTON, 2011).

Sobre o papel do receptor, o mesmo autor informa que a sua participação ganhou espaço e atenção no processo de comunicação. Na visão de Wolton, “os receptores negociam, filtram, hierarquizam, recusam ou aceitam as incontáveis mensagens recebidas, como todos, diariamente” (2011, p. 18). Assim, eles se

apresentam mais ativos e resistentes às informações que chegam, desvinculando-se da ideia de passividade. O autor sugere chamá-los de receptores-atores pelo papel dinâmico que estão desempenhando, desfazendo a posição de manipuláveis.

Por essa relação entre os três pontos citados, o teórico em questão afirma que estamos passando da fase da transmissão para a negociação. Dessa forma, comunicar deixou de ser apenas transmitir informação para assumir a função de negociar, devido à posição de igualdade dos sujeitos. As relações ganham destaque e a difusão vai perdendo espaço.

Para tanto, seguindo essa conexão entre comunicação e informação, Wolton (2011) estabelece sua teoria da comunicação, que discute os laços sociais, em uma sociedade que sofre os “ventos de uma globalização sem bússola”, guiada pela ação da convivência. Dessa forma, ele divide a teoria em cinco etapas:

Primeiro: a comunicação é inerente à condição humana. Não há vida pessoal e coletiva sem vontade de falar, de comunicar, de trocar, tanto na escala individual quanto coletiva. Viver é se comunicar. *Segundo:* os seres humanos desejam se comunicar por três razões: compartilhar, convencer e seduzir. Com frequência simultaneamente por essas três razões, mesmo se isso nem sempre é enunciado. *Terceiro:* a comunicação esbarra na incomunicação. O receptor não está sintonizado ou discorda. *Quatro:* abre-se uma fase de negociação na qual os protagonistas, de modo mais ou menos livre e igualitário, tentam chegar a um acordo. *Cinco:* chama-se de convivência, com suas fragilidades e pontos fortes, o resultado positivo dessa negociação. A negociação e a convivência são procedimentos para evitar a incomunicação e as suas consequências, frequentemente belicosas. (WOLTON, 2011, p. 19) [*grifo do autor*]

Ao propor essa teoria, o autor enfatiza que nenhum indivíduo ou sociedade consigam não se comunicar, mas para isso é necessário que haja posição de igualdade entre os atores para possibilitar a negociação dialógica. Ele lembra que para haver comunicação é preciso que exista tempo, respeito e confiança mútua, bem como a tolerância.

Essa teoria permite compreender que a comunicação está relacionada com a ideia de vínculo – criação de laços, enquanto a informação está ligada aos dados. A comunicação não pode ser pensada sem levar em consideração a estrutura social e as relações de interação entre sujeitos e seus artefatos comunicacionais.

Para contribuir com a discussão do termo que guia a teoria da comunicação apresentada por Wolton, buscamos elucidar a expressão “vínculo comunicativo”.

Dessa forma, encontramos em Contrera (2009) a etimologia da palavra como “vínculo, do lat. *vinculu*, tudo o que serve para atar, ligar ou apertar, laço, nó, liame” (p.354). Observamos que a definição do termo evoluiu assumindo outras possibilidades como elo/relação. Analisando pela lente da comunicação, a autora busca referência em Baitello Jr., que trabalha com a importância do vínculo para as relações comunicativas, e cita-o, lembrando que “... ‘vincular’ significa ter ou criar um elo simbólico ou material, constituir um espaço (ou um território) comum, a base primeira para comunicação (CONTRERA, 2009, p.355).

A pesquisadora lembra que o vínculo é a base central dos estudos sobre a comunicação humana, mesmo não recebendo a devida atenção. Assim como Wolton (2011), ela critica a abordagem que tem sido dada à comunicação, que não considera o papel do vínculo, e faz referência à expressão “visão empobrecida” para justificar os processos de comunicação que conferem às trocas de informação o seu ato principal. Contrera (2009) enfatiza que é preciso ficar claro o que é informar e o que é comunicar, pois as confusões ainda são usuais.

Ao considerarmos os processos de vinculação, lançamos um novo sentido às relações comunicativas, evitando uma concepção de que trocas comunicativas se assemelham a meras relações sociais e instrumentais, e chamando a atenção para a importância dos processos de significação constituídos nessas relações. (CONTRERA, 2009, p.355)

Questionando ainda a relação entre comunicação e informação, Wolton (2011) revela que as duas apresentam uma dimensão normativa, na qual a informação está ligada à ideia de verdade e a comunicação ao compartilhamento, e uma dimensão funcional, voltada para o lado instrumental, enfatizando a necessidade da informação, dos contatos e das interações. Essas dimensões demonstram que há uma busca do outro e da relação, e juntas elas contribuem para formação do laço social.

Entretanto, esse pesquisador afirma que estamos em uma “sociedade individualista de massa”, a qual incentiva a liberdade individual e a igualdade entre todos. E por essas condições a *“comunicação é um problema de convivência e de laço social, característica de uma sociedade de movimento, de interatividade, de velocidade, de liberdade e de igualdade”* (WOLTON, 2011, p.25). Portanto, o autor afirma que sua teoria da comunicação, que foca na convivência, surge como um

estímulo para renovar as condições do laço social, que estão expostos a diferentes interferências culturais, geográficas, econômicas. Por esse cenário volátil, Wolton (2011) acaba se questionando sobre a função do laço social e deixa como reflexão o papel dessa interação como algo que possibilita manter ligados indivíduos, grupos, comunidades e classes sociais que sofrem com a pressão da fragmentação, comparando os laços sociais como um milagre.

A informação representa um acontecimento ou um dado novo que nos força movimentar uma realidade construída, já a comunicação está relacionada ao vínculo, ao compartilhamento e a comunhão. Para Wolton (2011), estamos vivendo uma revolução da informação e da comunicação, que gera impacto nas relações entre comunicação, cultura e conhecimento, fomentando novas discussões sobre os laços sociais. No entanto, ainda há outro fator a ser lembrado dentro das trocas comunicativas: a alteridade, o outro. Dessa forma, o pesquisador enfatiza que:

A questão da comunicação é o outro. Uma diferença quase ontológica com informação. Claro que não há mensagem sem destinatário, mas ainda assim a informação existe em si. O mesmo não acontece com a comunicação. Ela só tem sentido através da existência do outro e do reconhecimento mútuo. O destinatário existe desde sempre, mas a ruptura democrática consiste em reconhecer a liberdade e a igualdade dos protagonistas, ou seja, a igualdade do receptor, que pode aceitar, recusar ou negociar a informação. (WOLTON, 2011, p. 59)

Para isso é preciso que exista a convivência, mas sem ser uma mera conexão ou proximidade, pois esta se estabelece com tempo e vontade, como o resultado de uma ação. Neste momento, também se destaca o papel do receptor nessa situação, pois este legitima a alteridade do modelo de comunicação que busca o envolvimento.

Para tanto, Wolton (2011) esclarece que apenas a música é capaz de comunicar sem ter que fazer parte da lógica da convivência, indagando a possibilidade dela ser a “única linguagem realmente universal”. Desse modo, o pesquisador esclarece essa exceção, ao defender que “a música é um extraordinário veículo de abertura ao outro e um vetor eficaz de tolerância. Como se os homens, incapazes de se escutar, conseguissem, enfim, “ouvir” e “se ouvir”” (WOLTON, 2011, p.70). A música, na sua visão, exerce papel de solidariedade, possibilitando que pessoas se integrem e convivam ao mesmo tempo.

Wolton (2011) esclarece que para pensar a comunicação é preciso também pensar a incomunicação, pois os dois fenômenos andam juntos. Para isso, ele destaca a necessidade de se reconhecer o papel do diálogo e da negociação, pois são essas as ações essenciais da relação humana. Por conseguinte, Wolton (2011) explica esse processo enfatizando que:

A comunicação nunca é uma prática natural, mas o resultado de um processo frágil de negociação. É por isso que informar não basta para comunicar. É por isso também que, na maioria das vezes, exceto em raros momentos da vida e da história, ou seja, maior parte do tempo, comunicar é conviver. (WOLTON, 2011, p. 89)

Compreendemos, assim, que comunicar está deixando de ser uma ação de transmissão para dar espaço à negociação e o ato de convivência, que exige confiança e tolerância, ocasionando na criação de vínculos e identidades. Ela vem depois da informação e prioriza o lugar do receptor-ator, considerando as diferenças e a diversidade de opiniões.

Para contribuir com a pesquisa em questão, trazemos a percepção de Marcondes Filho sobre comunicação, a qual dialoga com a teoria proposta por Dominique Wolton (2011). Dessa forma, o autor esclarece que:

Comunicação é algo que ocorre entre as pessoas. Não é nada material, não é um esquema de caixinhas ligadas por fio, não é uma coisa que transmito, repasso, que eu desloco ao outro, como se eu pudesse abrir sua cabeça e pôr lá dentro minhas ideias, princípios, informações, seja o que for. Nada disso. Comunicação é uma relação entre pessoas, um certo tipo de ocorrência em que se cria uma situação favorável à recepção do novo. (MARCONDES FILHO, 2008, p.8)

Percebemos, pelas argumentações demonstradas, que a comunicação está diretamente ligada à noção de vínculo, relação, laços e convivência. Os autores apresentados aqui ilustram o que motiva esta pesquisa, colaborando com as reflexões necessárias que possibilitem entender os processos de comunicação como troca, envolvimento, emoção, permeados pelo diálogo e a interação.

Prosseguindo, então, nas ideias de Marcondes Filho (2008), temos que a comunicação é guiada pelos sentidos enviados pelos sujeitos, que podem ser pela fala, por um produto, por um gesto e que são capazes de transformar internamente quem está envolvido no processo. Para isso, o receptor-ator, como citado por Wolton, deve estar aberto para troca e para receber o que está sendo enviado a ele.

Dessa forma, Marcondes Filho salienta que “pesquisar a comunicação é estudar o processo e a constituição da relação que se cria entre as pessoas comunicantes [...] é apreender a atmosfera presente. [...] Tudo isso constitui o evento mágico da comunicação humana” (2008, p.9). É preciso estar atento para as transformações e preparado para viver os processos comunicacionais de perto, sentindo a vibração do objeto.

No entanto, esse pesquisador pontua que a comunicação plena e total é impossível de acontecer, pois, na sua visão, nenhuma pessoa estará dentro da outra para sentir plenamente como o indivíduo que está sofrendo a ação. Ele pode realizar uma interpretação daquilo, mas jamais será completo. Dessa forma, o autor fala que “comunicação é um tornar comum, é fazer com que uma coisa seja a mesma num lado e no outro” (MARCONDES FILHO, 2008, p.16).

Assim, a comunicação é algo relativo a alguém, é a forma como uma pessoa irá se relacionar com o outro e com as coisas, a decisão do ato de comunicar está na relação com o seu entorno. E isso só acontece quando se permite invadir pela nova realidade e transformar os sinais em informação, gerando uma comunicação. Marcondes Filho (2008) lembra que um ato se transforma em comunicação apenas se interessar para o indivíduo envolvido, se esse permitir-se tocar, criar o vínculo comunicacional, também poderá emitir sinais que na relação desenvolvida poderão comunicar algo. É o mistério e o estranhamento que possibilitam a entrada do novo.

O autor ainda acrescenta que essa mesma relação pode acontecer com um livro, com um objeto ou fato presenciado, pois essas coisas também podem comunicar. Elas não apresentam uma dimensão obscura como um indivíduo, mas, para ele, “elas podem dizer-me algo pelo seu caráter de novidade, de estranheza, de inusitado, de inédito. É o novo que me muda; o conhecido apenas me reforça” (MARCONDES FILHO, 2008, p.19). Esse movimento é possibilitado pelo fato desses elementos tocarem nas crenças, nos valores e nos comportamentos dos sujeitos, viabilizando uma transformação e estabelecendo uma relação.

Da mesma forma que Wolton (2011) apresentou como motivos da comunicação o compartilhamento, a sedução e a convicção, traçando relação com os sentimentos e o amor, Marcondes Filho (2008) também contribui com essa

posição, ao fazer referência a uma nova proposta de pesquisa em comunicação. Assim, ele defende que:

No processo comunicacional circulam interesses, desejos, aspirações, paixões, estímulos diversos como constituintes do processo. Por isso se acredita que situações particulares de afeto, de abertura, de dedicação tenham importância capital no processo comunicacional. (MARCONDES FILHO, 2008, p. 151)

O mesmo autor ainda reforça a presença do *incorpóreo*, que vai além dos corpos das pessoas envolvidas no processo de comunicação, ele está situado na “alma” dos sujeitos e ultrapassa de forma imaterial os acontecimentos. Dessa forma, Marcondes Filho (2008) complementa que a comunicação acontece antes no campo dos sentidos que está relacionado em como os sujeitos sentem as ações, ultrapassando o território material.

Entendemos que esses pesquisadores iluminam os caminhos deste trabalho e permitem analisar o objeto sob essa diversidade teórica. Para isso, percebemos que os autores citados entendem a comunicação como um ato de relacionar-se, sendo motivada por vínculos capazes de gerar laços. Comunicar e informar são as bases do que foi exposto, pois quando se trata de conscientizar e sensibilizar sobre a temática ambiental é preciso saber em que momento chegamos, ou seja, apenas na transmissão da informação ou no tornar comum da comunicação, transformando os sujeitos mutuamente.

3.2 UM OLHAR PARA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

A apropriação do ambiente pelos sujeitos ocorre em diferentes dimensões: social, cultural, política, econômica, emocional e ambiental. A existência está pautada nas transformações e nas relações que os indivíduos conseguem estabelecer entre essas diferentes esferas, atribuindo importâncias e significados. Ao relacioná-las, percebe-se que uma dimensão acaba sofrendo impactos da atuação de todas as outras, como é o caso do lado ambiental, que vê sua estrutura influenciada e, por vezes, pressionada pelas decisões dos outros campos.

Nessa perspectiva, surgiram as ideias ecologistas e um anseio em transformar os valores materialistas disseminados na sociedade, denunciando e negando as práticas desenvolvidas pela crescente indústria que surgiu com o fim da

Segunda Guerra Mundial. Conforme relata Carvalho (2008), o movimento ecológico desencadeou-se juntamente com outras manifestações que ocorriam na Europa e nos Estados Unidos, e que criticavam o modelo vigente. Esses movimentos ganharam vida na década de 60, lutando pela contracultura e pela nova esquerda, esta pela ação do movimento estudantil de maio de 68 na França. Com reflexos na década de 70, a mesma autora afirma que diferentes grupos, principalmente as minorias, começaram a reivindicar espaço e direitos, assim, novas energias e sentimentos estavam dispostos a ficar para mudar os padrões vigentes.

Pode-se falar aqui em uma revolução e o nascimento de uma nova forma de pensar e agir, pois diferentes movimentos, nos mais variados cantos, buscavam sua legitimidade e estimulavam o sonho de um novo mundo. Carvalho (2008) aponta que o movimento ecológico se construiu dentro desse contexto de macromovimentos, que buscavam autonomia e emancipação.

Os ecologistas buscavam alternativas para a sociedade capitalista que estava estruturada e ao *boom* do consumo, lutando por outra forma que negava “a racionalidade instrumental, ideais do progresso, ao individualismo e à lógica do custo-benefício meramente econômico” (CARVALHO, 2008, p.48). Nessa mesma época, para fortalecer e consolidar o movimento ecologista, estudos e livros foram publicados criticando o modelo industrial e a exploração dos recursos naturais para sustentá-lo, como a publicação de 1962, intitulada Primavera Silenciosa, de Rachel Carson.

Em relação ao Brasil, o contexto histórico dos anos 70 está marcado com luta pela democracia, e pela influência dos movimentos anteriormente citados. Carvalho (2008) lembra que nessa época surgiram muitos grupos, movimentos e ações ligadas ao meio ambiente e à ecologia, conquistando espaço também no âmbito governamental com regulamentações e legislações. Todas essas iniciativas facilitaram o surgimento das entidades ambientalistas que irão se consolidar na década de 80. Dessa forma, entende-se que:

Nos anos 80 e 90 houve progressivo diálogo e aproximação, com mútua influência, entre as lutas ecológicas e os movimentos sociais urbanos, os movimentos populares de um modo geral, a ação política da educação popular, da Igreja da libertação e das Comunidades Eclesiais de Base. (CARVALHO, 2013, p. 50)

Percebemos por esse olhar que o movimento ecológico brasileiro conseguiu se organizar internamente, incorporando características da luta internacional, mas também conquistando visibilidade mundial. Assim, as questões ambientais passaram a abordar e lutar pelas problemáticas sociais, entendendo que uma influencia diretamente a outra, justificando o início dessa luta. Carvalho (2008) enfatiza a relação global versus local, alertando que as decisões mundiais impactam diretamente nas realidades locais, como o descarte de resíduos contaminados em países subdesenvolvidos por indústrias dos países desenvolvidos.

A história do movimento ecológico no Brasil não se resume nessas linhas. Muitas foram as lutas, as conquistas e também as derrotas que esses sujeitos tiveram de enfrentar para conseguirmos chegar à situação atual. Os espaços reivindicados pelos grupos ambientais caracterizam-se pela resistência e pela utopia compartilhada por todos que já fizeram, fazem e farão parte da trajetória ambientalista no Brasil.

Segundo Carvalho (2008), o movimento ecológico brasileiro, durante a sua formação, propiciou que outras vertentes pela causa ambiental e social ganhassem espaço, como é o caso da Educação Ambiental (EA). A autora aborda que a EA surgiu da “preocupação da sociedade com o futuro da vida e com a qualidade da existência das presentes e futuras gerações. [...] visam construir novas maneiras de os grupos sociais se relacionarem com o meio ambiente” (CARVALHO, 2008, p. 51). Percebe-se que a EA está relacionada com a preocupação da crise ambiental e apresenta-se como uma ação que interessa a todos.

Por essa perspectiva, observa-se que a EA surgiu para alertar a população sobre o uso excessivo e descuidado dos recursos naturais – água, minérios -, e sobre a degradação do meio ambiente e também para estimular a participação popular em ações ambientais. Com a evolução dos conceitos e a intensidade dos desastres ambientais, a EA assumiu outra postura, focando em ações realmente educativas - procurando desenvolver uma consciência ambiental por meio de atitudes e comportamentos, que dialogam com outros campos do saber (Carvalho, 2008). Tendo em vista que a EA originou-se no calor dos movimentos ecológicos e sociais, faz-se necessário descrever a sua trajetória nesse contexto.

Reigota (2006) contribui com a discussão sobre o histórico da Educação Ambiental, lembrando que no ano de 1968 foi realizada uma reunião em Roma, intitulada “Clube de Roma”, com vários cientistas para discutir as preocupações do momento: crescimento da população, reserva dos recursos naturais e consumo. O resultado desse encontro foi a criação do livro “Limites do Crescimento”, e ficou evidente a necessidade de se mudar os hábitos de consumo, a exploração dos bens naturais e a atuação do homem na sociedade.

O mesmo autor indica que o mérito do evento foi divulgar internacionalmente os problemas ambientais, resultando na realização, pela Organização das Nações Unidas, em 1972, da I Conferência Mundial de Meio Ambiente Humana, em Estocolmo, na Suécia.

O grande tema em discussão na conferência de Estocolmo foi a poluição ocasionada principalmente pelas indústrias. O Brasil e a Índia, que viviam na época “milagre econômico”, defenderam a ideia de que “a poluição é o preço que se paga pelo progresso”. [...] esses países abriram as portas para instalação de indústrias multinacionais poluidoras, impedidas de continuarem operando nas mesmas condições que operavam em seus respectivos países. (REIGOTA, 2006, p. 14-15)

A contribuição dessa reunião foi a constatação de que os sujeitos devem ser educados ambientalmente de modo a se conscientizarem dos problemas ambientais. A partir desse momento, pode-se afirmar que a Educação Ambiental conquistou o seu espaço (REIGOTA, 2006). Com o caminho aberto por esses eventos, outros encontros ambientais puderam acontecer, bem como a publicação de livros, artigos e textos pela UNESCO. Dessa forma, Reigota (2006) salienta a importância da reunião de Belgrado, em 1975, definindo os objetivos da Educação Ambiental, publicados na Carta de Belgrado. Em 1977, ocorreu o I Congresso Mundial de Educação Ambiental, em Tbilissi, na Geórgia, e foram apresentados os principais trabalhos desenvolvidos na EA. Em 1987, ocorreu a segunda edição, agora em Moscou.

Outras iniciativas contribuíram com a evolução da EA, como os incentivos da primeira ministra Norueguesa, que viabilizou pelo mundo a realização do encontro para discutir os problemas ambientais. Essa ação resultou no livro “O Nosso Futuro Comum”, ou “Relatório de Brundtland”. Esse documento forneceu as diretrizes para

realização da ECO-92 ou Rio-92, que aconteceu no Rio de Janeiro, em 1992, e popularizou o conceito de desenvolvimento sustentável, percebendo as questões ambientais pela lente da economia. Nesse momento, foi criado o Tratado de Educação Ambiental para sociedades sustentáveis, que guia o projeto pedagógico da EA (CARVALHO, 2008).

No Brasil, entre as consequências da ECO-92, podemos destacar criação da Rede Brasileira de Educação Ambiental e o fortalecimento das políticas e programas de EA. Em 1994, criou-se o Programa Nacional de Educação Ambiental pelo Ministério da Educação e pelo Ministério do Meio Ambiente, e, em 1999, foi aprovada a Política Nacional de Educação Ambiental pela Lei 9.795, que sofreu alteração em 2012, definindo prazos para inclusão das diretrizes ambientais no currículo escolar. Essa política estabelece que a EA passe a fazer parte da formação dos diferentes sujeitos, integrando o campo educacional, contribuindo para o desenvolvimento de novas posturas e consciências. Assim, a EA é entendida como:

Os processos por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade de vida e sua sustentabilidade. (BRASIL, Política Nacional de Educação Ambiental, Lei nº 9795, Art 1º, 1999)

Essa visão permite-nos perceber que EA surgiu em um momento de despertar da sociedade, em virtude dos problemas sociais e da crise ambiental, mas consolidou-se como alternativa para orientar e conduzir a postura dos cidadãos globais. Por sua vez, Carvalho (2008) destaca que a EA no Brasil está sendo construída por uma perspectiva interdisciplinar, envolvendo o saber dos diferentes campos do conhecimento para entender as relações que se colocam entre os seres humanos e o seu ambiente e de que forma o modificam. Nessa proposta, todos os saberes ganham espaço, incluindo os não escolares, como de comunidades e grupos com tradições locais.

Reigota (2006) alerta para a apropriação indevida de áreas como ecologia, biologia e geografia sobre os princípios da EA, uma vez que essas dimensões do saber acabam impondo suas visões para construção de uma prática que deveria ser transdisciplinar, sendo que essas percepções acabam sendo transmitidas pela mídia. Dessa forma, não se pode reduzir o aprendizado sobre EA apenas para

questões naturais, pois o entendimento sobre o ambiente deve ser completo, englobando as interações sociais e naturais.

Desse modo, conforme aponta Carvalho (2008), deve haver uma transformação do olhar, ampliando o campo de percepção dos sujeitos em relação ao meio ambiente e o que está envolvido na sua definição. Por essa perspectiva, torna-se possível uma (re) aproximação do homem junto à natureza e um questionamento sobre a sua posição vigente de superioridade. Assim, a autora acrescenta que é preciso analisar essa questão pelo olhar socioambiental, entendendo que “a natureza e os humanos, bem como a sociedade e o ambiente, estabelecem uma relação de mútua interação e co-pertença, formando um único mundo” (CARVALHO, 2008, p. 36).

Por essa constatação, a autora entende que há espaço para formação de um sujeito ecológico, que guia a sua existência pela busca da consciência ambiental e o entendimento dos valores e crenças que orientam suas relações com os outros indivíduos. Dessa forma, todos podem construir uma identidade de sujeito ecológico, indo dos ecologistas mais radicais aos simpatizantes, que de alguma forma se esforçam para incorporar no seu comportamento algum valor/atitude ambiental e social.

O sujeito ecológico, nesse sentido, é um sujeito ideal que sustenta a utopia dos que creem nos valores ecológicos, tendo, por isso, valor fundamental para animar a luta por um projeto de sociedade bem como a difusão desse projeto. Não se trata, portanto, de imaginá-lo como uma pessoa ou grupo de pessoas completamente ecológicas em todas as esferas de suas vidas ou ainda como um código normativo a ser seguido e praticado em sua totalidade por todos os que nele se inspiram. (CARVALHO, 2008, p. 67)

A possibilidade da formação e da existência de sujeitos ecológicos renova a energia e as possibilidades da transformação da sociedade, com condições ambientais saudáveis, bem-estar e justiça social. Dessa forma, a constituição desses sujeitos insere forças e novas perspectivas para atuação dos educadores ambientais, que encontram pessoas dispostas a mudar suas realidades e lutar pelo bem comum. Entende-se que pela inserção da EA no aprendizado, os sujeitos ecológicos têm a possibilidade de ir além da recepção de conteúdo e informações, eles encontram a oportunidade de participar e de criar a formação do seu conhecimento, compreendendo e resistindo aos desafios que surgem com o tempo.

Assim, a educação ambiental tem papel fundamental na formação dos cidadãos, devendo estar presente em todas as etapas de formação do sujeito, desde a pré-escola até a formação superior, fazendo com que o aprendiz pautar suas ações na sociedade por um mundo mais equilibrado sócio ambientalmente. Para tanto, a linguagem deve ser adaptada às diversas etapas do aprendizado, de modo a caminhar *pari passu* com a educação das demais áreas do conhecimento.

No que se refere à educação nas séries iniciais, a ludicidade vem sendo adotada com sucesso, de forma a auxiliar nos processos de aprendizagem. Autores renomados como Piaget (1998) e Vigotsky (1984), com suas teorias sobre a importância do lúdico na educação, incentivaram pesquisas científicas que indicam que atividades lúdicas estimulam a inteligência, fazendo com que as crianças desenvolvam a criatividade, possibilitando o exercício da concentração, de atenção e de engajamento.

Nas diretrizes metodológicas utilizadas na EA no Brasil, encontram-se diferentes visões ao desenvolvê-la – conservacionistas, biológica, comemorativa, política -, segundo Silva, Sammarco e Teixeira (2012). No entanto, os autores acreditam que há ainda uma outra perspectiva para se trabalhar a EA, intitulando-a de Educação Ambiental Lúdica. Nessa linha, o fundamental são as vivências, as experiências e o envolvimento, aceitando as descobertas e as possibilidades que surgem no decorrer do caminho.

Dessa forma, ao fazer uso de práticas e atividades ligadas à ludicidade, estamos “estimulando os sentidos e os reeducamos, além de promover a autoestima, juntamente com o desenvolvimento de habilidades interpessoais positivas. Brincar é uma oportunidade criativa para encontrar-se conosco, com os outros, com o todo, em qualquer idade” (SILVA; SAMMARCO; TEIXEIRA, p.65, 2012). Por esse olhar, a Educação Ambiental Lúdica, possibilita que educadores e educandos percebam o ambiente por diferentes perspectivas e direcionem a atenção para outros pontos que passam despercebidos no cotidiano. A EA lúdica baseia-se na sensibilização dos sujeitos, procurando envolver todos os sentidos e as sensações, como também incentiva à mudança de condutas, ao pensamento crítico e reflexivo, pois incita a busca pelo conhecimento e pelo despertar da consciência para os desafios socioambientais.

Para complementar a formação do olhar ambiental, buscamos em Heike Freire (2013) alguns subsídios para observar a relação da criança com a dimensão ambiental. Dessa forma, a autora propõe uma “pedagogia verde” e salienta que essa forma de pensar entende o ser humano como uma semente que carrega dentro de si tudo que precisa para o seu desenvolvimento. Ela explica a sua forma de pensar traçando um comparativo com a agricultura ecológica, assim:

Como na agricultura ecológica, a tarefa educativa não requer o emprego de procedimentos agressivos, com herbicidas, pesticidas ou grandes podas, para “corrigir” o crescimento ou obter o máximo rendimento. Consiste na verdade de um processo orgânico de acompanhamento e aprendizado conjunto por meio do qual o adulto também cultiva o seu próprio interior, animado por valores de igualdade em dignidade e respeito, da convicção de que as crianças devem colaborar conosco assim como devemos colaborar com elas. (FREIRE, 2013, p. 12)

Com essa forma de ver a educação e o desenvolvimento da criança, a educação verde prioriza a necessidade de contato com a natureza, ocasionando em um crescimento saudável em todas as dimensões: corporal, emocional, social, intelectual e, também, espiritual. Freire (2013) lembra que a orientação verde vai além dos aspectos cognitivos da educação convencional, ela estimula outras capacidades, como a intuição, as emoções e a sensibilidade, desenvolvidas por experiências e vivências no ambiente. Dessa forma, esse processo pedagógico busca conectar a criança com a vida, com ela mesma e com os outros para despertar a sua capacidade de sentir e ser responsável.

Freire (2011) alerta que “o contato com a natureza é a base do amor pela Terra, uma atitude vital para gerar e trocar conhecimentos que nos ajudem a levar uma vida sustentável, assegurando assim a nossa sobrevivência no planeta” (p.13). Dessa forma, percebemos que a atividade de aproximação com o meio natural favorece uma compreensão ecológica da vida e fortalece a consciência ambiental.

A autora ainda nos apresenta a relação entre a natureza e o desenvolvimento infantil, salientando que o vínculo com meio natural é formado ao longo da vida. Ela lembra que as etapas cruciais para desenvolver esse contato estão ligadas à primeira infância (até 7 anos), a infância (7 a 11 anos) e o início da adolescência (12 a 15 anos). Se estivermos conscientes dessas fases, torna-se possível adequar a interação com a natureza com atividades específicas.

Na primeira infância, deveríamos apoiar a tendência inata das crianças para a empatia com os demais seres vivos. Mais tarde, poderíamos auxiliar as suas atividades de exploração. Por último, poderíamos possibilitar que os adolescentes praticassem atividades sociais em um ambiente natural. (FREIRE, 2013, p. 46)

Para isso, Freire pontua a necessidade da natureza fazer parte da vida escolar das crianças. Ela alerta que os jovens estudantes recebem muitas informações sobre o meio ambiente e ecologia, como desastres naturais, destruições, mudança climática; no entanto, esse conhecimento retrata casos de lugares muito distantes de suas realidades e é apresentado por livros e computador, que não conseguem estabelecer uma relação direta. Isso acaba desconectando o estudante do problema.

Dessa forma, a autora enfatiza que as crianças devem adquirir conhecimento por meio de experiências diretas realizadas no meio ambiente e diminuir o contato mediado por outras ferramentas. Essa troca possibilita a experiência sensorial e a criação de ideias próprias sobre aquela questão ambiental.

Essa é uma boa ação para ser trabalhada no livro do Brasileco, pois a criança, depois de se aventurar com o personagem e conhecer os problemas ambientais e também possíveis soluções, o personagem poderia propor atividades que dessem continuidade ao que foi mostrado. Assim, o estudante tem a possibilidade de ver/sentir, na prática, o que foi ilustrado e fazer parte daquilo, ainda que a dimensão do problema não seja a mesma. Ele pode procurar saber mais sobre o assunto e ir ao encontro de outras pessoas que também saibam algo sobre o que está sendo abordado; essa ação caminha para o entendimento da comunicação como relação e diálogo, proposto aqui. Contribuindo com essa reflexão, Freire incentiva que:

Essas vivências podem ter um efeito profundo na maneira de ser e de estar no mundo das crianças, de firmar o sentimento de que não estamos sozinhos, de que existem outras realidades e dimensões mais além do meramente individual; ajudá-las a compreender que tudo na vida se encontra interligado e a desenvolver a disposição inata delas para o respeito, a empatia, a compaixão e o amor por tudo que as rodeia. (FREIRE, 2013, p.156-157)

Por conseguinte, essa visão holística para entender o ambiente deve ser incentivada desde os primeiros anos de vida, expondo/aproximando a criança à

natureza. A autora destaca que nós, seres humanos, somos “programados” para sentir uma profunda admiração pelo mundo. Contemplar uma paisagem, por exemplo, produz impressões de beleza, harmonia e perfeição, que estão ligadas à capacidade da admiração. Essa deve ser mais uma atividade para o Brasileiro, que pode convidar o leitor para conhecer a paisagem ao seu redor e valorizar o ambiente natural que tem em seu entorno, desenvolvendo uma integração com a natureza.

Freire (2013) contribui ainda com em busca pelo olhar para educação para o ambiente, relando um estudo realizado pela Cornell University de Nova York , em 2006, que utilizou como bases entrevistas e análises de biografias de ecologistas e naturalistas, constando que:

A preocupação adulta com o meio ambiente e a conduta positiva com relação a ele derivam diretamente da participação em atividades na natureza, especialmente antes dos 11 de idade, tais como a recreação autônoma ao ar livre, pesca, escalar...(FREIRE, 2013, p. 163)

Esses dados reafirmam o que tem sido discutido até o momento, pois percebemos que para aprender a amar e respeitar a natureza e o meio ambiente é preciso estar inserido nesses locais, se sentido parte do todo. Por fim, esses dados reafirmam a missão do Brasileiro e a atividade desenvolvida com as crianças do 3º ano das séries iniciais, pois a faixa etária é de 7 a 8 anos. Assim, o personagem, que incentiva as crianças a se mobilizarem para cuidar do seu país, as está estimulando a praticarem boas ações, ao mesmo tempo, valorizar os espaços naturais para conhecer e aprender.

3.3 CAMINHOS CRUZADOS: UMA PEDAGOGIA DA COMUNICAÇÃO COM AFETO

As contribuições teóricas analisadas até o momento consideram a comunicação dentro de uma perspectiva relacional, a qual prioriza a interação, o contato e a convivência. Dessa forma, lembramos que a comunicação apresentada aqui:

É algo de natureza absolutamente diferente do mero se informar e das falas triviais; trata-se de uma diferença radical de qualidade na participação em um acontecimento. A comunicação realiza-se no plano da interação entre duas pessoas, nos diálogos coletivos onde esse novo tem chance de aparecer, onde o acontecimento provoca o pensamento, força-o, onde a incomunicabilidade é rompida e criam-se espaços de interpenetração. (MARCONDES FILHO, 2009, p. 64)

Comunicar, então, motiva novos comportamentos, impulsiona emissor e receptor-ator ao contato direto e possibilita a criação de laços sociais, que podem ocasionar em grandes descobertas. Conforme orientado por Wolton (2011), essa é uma perspectiva humanista do ato de comunicar, priorizando a troca nas relações humanas e as múltiplas funções e características necessárias para isso. Outro ponto abordado pelos dois autores, já citados, foi a presença do lado afetivo no processo comunicacional e a sua importância no sentir.

Nessa direção, Künsch (2011) sugere que as relações entre os interlocutores se construam pelo afeto e pela compreensão, possibilitando uma epistemologia do diálogo e que compreendam mais do que excluam ou condenem. Dessa forma, denominando o afeto de “poderoso dispositivo”, citando Sodré, o autor comenta que está nascendo um capital cognitivo-comunicacional para o afeto, dentro de uma preocupação que “está aquém ou além do conceito”, transcendendo-o.

O autor contrapõe o afeto, uma nova proposta epistemológica ou interpretativa, com uma posição mais compreensiva e menos intelectual-racionalista, à “ditadura lógica da razão”, sendo essa quem prevalece nos estudos de comunicação. Dessa forma, Künsch enfatiza que “no território cognitivo do “aquém e além do conceito”, o poder do afeto se deixa aproximar e criar vínculos com a atitude compreensiva, em seu distanciamento em relação ao conceito” (2011, p. 32). Dessa forma, o autor acrescenta que compreender requer um processo de empatia, de identificação e de projeção.

Küsch (2011) busca em Restrepo (1998) respostas para o reconhecimento da dimensão afetiva e sua ausência no campo intelectual, e salienta que a ternura e a afetividade, há vários séculos, foram “desterradas do palácio do conhecimento”. Para tanto, ele ainda cita que:

Desde as precoces experiências da escola, adentra-se a criança num saber de guerra, que pretende uma neutralidade sem emoções, para que adquira sobre o objeto de conhecimento um domínio absoluto, igual ao que pretendem obter os generais que se apossam das populações inimigas sob a divisa de terra arrasada (RESTREPO, 1998, *apud* KÜNSCH, 2011, p. 33)

Dessa forma, Künsch (2011) defende que o afeto pode ter espaço na linguagem, sem esquecer-se do rigor científico. Ele justifica que as palavras podem ser ternas e o saber acadêmico pode utilizar expressões “calorosas e acariciadoras”.

Assim, esse pesquisador enfatiza a importância do processo dialógico e o lugar do afeto na comunicação.

Essa temática abre espaço para receber o olhar de Medina (2006), que fala do “signo da relação”, título de uma de suas obras, que traz por subtítulo Comunicação e pedagogia dos afetos. Sendo assim, a autora acrescenta que por essa nova epistemologia, o caminho do afeto e do diálogo, as relações construídas estão deixando de ser um eixo sujeito-objeto (eu-isso) para se transformar na relação sujeito-sujeito (eu-tu), respeitando o tempo de adaptação de cada área.

É preciso experimentar **atos epistemológicos** em que o cientista sinta ao lado do homem comum e, nesse laboratório, afloram respostas aos problemas que afetam a ambos. Transitaremos, então, de uma ciência que **conforma** para uma ciência que **transforma**. (MEDINA, 2006, p. 14) **(grifo do autor)**

Essa posição, para autora, cria uma reflexão necessária à ação comunicativa, na perspectiva do diálogo e da argumentação, incentivando outro comportamento e uma “interação social criadora dos sujeitos”. Estamos assim transitando do *signo da difusão* para o *signo da relação*. Assim, essa inovação para um signo dialógico requer uma cidadania democrática que acontece pelas mediações sociais por meio de um facilitador/comunicador das narrativas.

Como essa abordagem surgiu das experiências da pesquisadora na universidade, o *signo da relação* “ só ocorre na interação criadora em que ambos se transformam: educador-educando e contexto da educação, comunicador-comunidade emissora e receptora. Como provocar e animar essa comunhão sem a experiência dos sentidos?” (MEDINA, 2006, p. 161). Para isso, a autora lembra que é preciso a sensibilização dos sentidos e a quebra da inteligência adestrada.

Por sua vez, a pesquisadora lembra que a comunicação e a educação estabelecem uma ligação intrínseca e os sujeitos dessa relação, educando e educador / comunicador, emissor e receptor, ficam livres para atingir ou não uma interação social criadora. O que não pode acontecer é tanto o educador e o comunicar assumirem um papel difusionista, transmitindo conhecimento e informação. É preciso que haja interação e construção coletiva do saber, no qual o caminho é experimentado por todos.

Ao chegarmos nesse ponto e observarmos a comunicação pelo signo relação e tudo que está intrínseco no processo, como a pedagogia do afeto, emerge uma necessidade de aproximarmos, sem aprofundarmos, dessa questão, que guia as relações comunicativo-pedagógicas, analisadas na pesquisa.

Para tanto, recorreremos a Mahoney e Almeida (2005) para esclarecer a dimensão afetiva e sua relevância no desenvolvimento do processo ensino-aprendizado. Elas comentam a importância do meio no qual professor e estudante estão inseridos, ou seja, a escola.

Esse espaço é essencial para os dois sujeitos, pois os coloca em contato com outros grupos e é nesse meio que o professor e o estudante são afetados um pelo outro e também pelo contexto. A não satisfação das necessidades afetivas, motoras e cognitivas afeta os dois lados, prejudicando tanto o ensino, insatisfação e apatia pelo outros, quanto a aprendizagem, dificuldade em aprender (MAHONEY E ALMEIDA, 2005).

Assim, entrando na discussão da afetividade, as mesmas autoras observam que o estudo da emoção era considerado supérfluo e não científico. Esse cenário mudou após a década de 1970, quando surgiram estudos empíricos e teóricos que defendiam os estados internos para explicar comportamentos. Assim, Mahoney e Almeida explicam que os “processos afetivos são todos os estados que fazem apelo a sensações de prazer/desprazer ou ligados a tonalidade agradáveis/desagradáveis” (2005. p.19). E apoiando-se na teoria de desenvolvimento de Henri Wallon, as autoras explicam a ação que guia a comunicação apresentada aqui, a afetividade. Sendo assim, a afetividade:

Refere-se à capacidade, à disposição do ser humano de ser afetado pelo mundo externo/interno por sensações ligadas a tonalidades agradáveis ou desagradáveis. Ser afetado é reagir com atividades internas/externas que a situação desperta. A teoria aponta três momentos marcantes, sucessivos na evolução da afetividade: emoção, sentimento e paixão. (MAHONEY E ALMEIDA, 2005, p. 20)

Assim, essas três etapas da afetividade derivam de fatores orgânicos e sociais. Sendo a **emoção** uma exteriorização do processo, é a expressão corporal e motora; apresenta o poder de ser expressiva e contagiosa, sendo caracterizada como o primeiro elo entre o orgânico e o social. Ela também pode ser caracterizada

como um instrumento de sociabilidade que une os indivíduos entre si e ajuda a compreender o ambiente, por meio da sensibilidade.

Sobre o **sentimento**, as autoras apresentam como a expressão representacional da afetividade que não gera reações instantâneas como na anterior. O sentimento pode ser expresso pela mímica e pela linguagem, que podem ser capazes de transformar em outras expressões. Esse momento da afetividade é importante para a relação do personagem Brasileco com os estudantes, pois a sua intenção é que as crianças tenham o sentimento de Brasileco. Sentir-se Brasileco é querer cuidar da natureza e do meio ambiente, colaborando com ações positivas e mudanças de comportamento. A próxima dimensão é a **paixão**, que para as autoras revela o aparecimento do autocontrole para dominar uma situação, para isso tenta silenciar a emoção (MAHONEY E ALMEIDA, 2005).

Por fim, Mahoney e Almeida (2005) pontuam que a afetividade se desenvolve como um processo ao longo das fases da vida e acompanha a evolução do sujeito assumindo diferentes estágios. Em relação ao processo de ensino e aprendizagem, as pesquisadoras acrescentam que a relação do professor com o aluno requer que o educador exerça o papel de mediador do conhecimento.

Assim, a maneira como o professor se relaciona com o estudante irá refletir nas relações deste com o conhecimento, com os seus colegas e com o ambiente. Na visão das autoras, o professor é uma referência, tanto na sua forma de relacionar-se, de expressar seus valores, quanto na maneira de resolver conflitos, falar e ouvir. Entendemos, logo, que a sala de aula é um espaço para relações e interações, na qual o acolhimento é uma de suas bases, como também a convivência.

A caminhada até este momento possibilita-nos introduzir, brevemente, as contribuições de Paulo Freire para fortalecer o debate proposto até aqui sobre a comunicação e suas possibilidades de ação dentro do campo da Educação com enfoque socioambiental. Desse modo, Freire (2011a), ao buscar respostas para pensar uma pedagogia de comunicação que entendesse o estudante como sujeito do processo e não como um objeto que arquiva conhecimento, chegou ao entendimento de que era necessário trabalhar em um processo que valorizasse o diálogo e a participação. Com isso, Freire esclarece que o diálogo:

É uma relação horizontal de A com B. Nasce de uma matriz crítica e gera criticidade (Jaspers). Nutre-se do amor, da humildade, da esperança, da fé, da confiança. **Por isso, só o diálogo comunica.** E quando os dois polos do diálogo se ligam assim, com amor, com esperança, com fé um no outro, se fazem críticos na busca de algo. Instala-se, então, uma relação de simpatia entre ambos. Só aí há comunicação. (FREIRE, 2011a, p. 141) **[grifo nosso]**

É pelo diálogo que podemos construir o caminho para termos uma comunicação que gere trocas e reflexões, não uma comunicação que apenas transmita comunicados. Para Freire (2011a), apenas o processo dialógico pode estabelecer uma relação, um vínculo, entre os sujeitos, possibilitando-os interação e convivência, como cita Wolton (2011). Logo, faz-se necessário que os sujeitos se abram para o mundo e estejam dispostos a entendê-lo, buscando também perceber o seu papel “em sua e com a sua realidade”. É importante também que esses atores sociais se permitam interagir, receber e dar atenção para o que está sendo exposto, acolher com respeito e tolerância o que será construído com o contato estabelecido entre eles.

Por essa forma de pensar, Freire (2011b) afirma que a educação realizada pelo diálogo é comunicação, desde que não se trabalhe na perspectiva da transferência de saber, “mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam significação dos significados” (p.91). Dessa forma, o diálogo diminui a distância entre educador e educando, favorecendo o poder criativo e o pensar.

O sujeito pensante não pode pensar sozinho; não pode pensar sem a coparticipação de outros sujeitos no ato de pensar sobre o objeto. Não há um “penso”, mas um “pensamos”. É o “pensamos” que estabelece o “penso”, e não o contrário. Esta coparticipação dos sujeitos no ato de pensar se dá na comunicação [...]. (FREIRE, 2011b, p.87)

Entendemos, então, que é importante que esses atores sociais se permitam interagir, receber e dar atenção para o que está sendo exposto. Mas também acolher com respeito e tolerância o que será construído com o contato estabelecido entre eles. Assim, percebemos que comunicação se transforma em um processo pedagógico que motiva a construção de uma consciência crítica.

Ainda como contribuição desse teórico, podemos citar a importância da escola nessa transformação social e na possibilidade dessa instituição abrir as “suas portas” para outros conhecimentos e modos de aprender. Com essa ação, os educandos têm a oportunidade de entrar em contato com outras formas de saber e

vivências que colaboram com a sua formação. A escola que trabalha com o livro do Brasileco pode ser um exemplo dessa situação, ao possibilitar que os estudantes tenham contato com um projeto de educação ambiental que visa o despertar da consciência ecológica e o sentimento de pertencimento e proteção ao meio ambiente. Dessa forma, a instituição de ensino mostra-se em busca dos preceitos inseridos por Freire na busca de uma visão integrada entre homem e o mundo.

Perfazendo o caminho que nos possibilitou chegar até aqui, pela visão de cada teórico apresentado, conseguimos desenvolver conexões entre esses saberes apresentados. Apesar da singularidade de cada olhar, observamos que existem pontos, em cada fala, que se destacam para convergir e, assim, clarear o que estamos buscando apresentar ao problematizar os modos de pensar e de fazer comunicação em conjunto com a educação ambiental.

Consideremos, então, que comunicação nesta pesquisa está atribuída a relações, a laços afetivos, a vínculos comunicacionais, a compartilhamentos, à convivência, ao diálogo e à transformação. Palavras necessárias e essenciais para que se possa desenvolver e estimular a consciência ambiental em jovens estudantes inseridos em um contexto digital de relacionamentos voláteis.

4 BRASILECO: COMUNICAÇÃO E LAÇOS AFETIVOS NA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Antes de iniciarmos a análise das informações coletadas para este trabalho, passaremos a relatar os caminhos metodológicos escolhidos para chegarmos até aqui.

4.1 APRESENTANDO O CAMINHO PERCORRIDO

Optamos por realizar um estudo descritivo com abordagem qualitativa, sendo apresentada por Freitas e Prodanov (2013) a que tem como fonte de dados o ambiente do contexto trabalhado, interpretando fenômenos e atribuindo significado às informações coletadas. Sobre o estudo descritivo, Gil (2008) elucida que essa pesquisa contribui tanto para identificar a associação das variáveis, como também determinar qual a natureza dessa relação. Logo, pelo processo descritivo foi possível identificar, registrar e analisar as características dos fenômenos observados.

Para a construção do referencial teórico nos baseamos em pesquisa bibliográfica e, para a coleta dos dados, empregamos como instrumento a aplicação de questionário com perguntas abertas e fechadas voltadas aos objetivos traçados pela pesquisa. Dessa forma, o questionário (Apêndice A) foi aplicado aos estudantes do Colégio Maria Auxiliadora, Canoas/RS, que atualmente estão no 4º ano e 5º ano das séries iniciais do Ensino Fundamental e que já trabalharam com o Brasileco quando estavam no 3º ano².

Trabalhamos com quatro turmas, duas de cada série, do turno da manhã e da tarde. Ao todo foram 96 estudantes respondentes, de um total de 120 alunos. A escolha das turmas foi decisão da Coordenação do Colégio. Para tanto, foram tomados os devidos cuidados éticos para não expor os estudantes, preservando a sua identidade e respeitando a sua aceitação ou não de participar da pesquisa com a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Apêndice B).

Ao prosseguirmos para análise dos dados é interessante expor alguns apontamentos recebidos pelo questionário. A receptividade de todas as turmas foi

² Na apresentação do objeto (capítulo 2) está justificada essa definição.

motivadora e o sorriso no rosto de cada criança, ao entregar o questionário, apenas confirmou a escolha por esse caminho metodológico.

O entusiasmo e a atenção foram características marcantes em quase todo o grupo. Dois meninos de uma mesma turma elogiaram o questionário, um mais carinhoso, o outro mais sério. E uma menina, nessa mesma situação escreveu um recado: *“Adorei o Brasileco! Ele foi como uma inspiração escolar! Foi bem legal fazer este questionário”*.

Após isso, passamos para análise que foi organizada a partir do próprio questionário.

4.2 BRASILECO DIALOGA COM OS ESTUDANTES

Olhos atentos, expressões de interrogação e certa inquietação vinham dos alunos da primeira turma no Colégio a responder o questionário. Aproveitamos a semana de gincana realizada na instituição para nos encontrarmos e, assim, não prejudicarmos os períodos de aula. A escola estava em festa e os alunos ansiosos para irem brincar no pátio. Sem demoras, a professora coordenadora do turno da manhã apresentou a nossa pesquisa e pediu a colaboração de todos. Quando ela falou que se tratava de um estudo sobre o Brasileco, os rostinhos dos alunos se transformaram em sorrisos e frases sobre as suas lembranças começaram a pipocar pela sala. Naquele momento, o distanciamento já era menor e as suas expressões mais receptivas. Explicamos o objetivo do estudo e a importância da participação de cada um, assim como a sinceridade nas respostas. Como não precisava se identificar, eles foram orientados a escrever as respostas com o que aparecesse, por primeiro, em suas mentes.

A situação se repetiu nas outras três turmas, cada uma com suas peculiaridades, mas todas receptivas e dispostas a colaborar. Os alunos puderam, nesta experiência, lembrar e (re) sentir o momento que estiveram com o Brasileco, pois um comentava para o outro o que fez e como foi sua experiência com a visita do personagem. Enfim, os dias que passamos juntos foram de lembranças e redescobertas. Sempre com a mesma energia, diversão e entusiasmo do primeiro encontro.

Com essa observação, explicamos que será realizada a análise das informações coletadas de todas as perguntas do questionário por uma percepção descritiva. As respostas foram compiladas e organizadas em uma tabela para que se pudesse ter uma visão geral dos resultados. Logo após, foi possível trabalhar com os dados e construir as interpretações possíveis. Dessa forma, iremos encontrar caminhos que nos permitem responder aos pontos norteadores da pesquisa.

A leitura e a análise das entrevistas buscaram identificar e categorizar as informações concedidas pelos entrevistados. Cabe lembrar que, apesar de realizarmos uma pesquisa qualitativa, necessitamos trabalhar com dados quantitativos, mensurando as respostas coletadas. Assim, essas informações serão apresentadas em valores percentuais para que se possa ter uma dimensão do cenário estudado. Os percentuais apresentados correspondem ao somatório total das respostas dos 96 estudantes, classificadas em alternativas ou categorias referentes a cada pergunta, divididas pelo total geral de respostas.

A seguir, iremos descrever as perguntas com suas análises, com o intuito de organizar e padronizar a apresentação do conteúdo³ vinculando o referencial que embasa esta pesquisa. Os questionamentos aparecerão organizados conforme o questionário desenvolvido com os estudantes, pois organizam a análise, sendo os pontos norteadores: **história do Brasileco, aparência do Brasileco, o interesse no Brasileco e a mudança de hábitos e a percepção do estudante sobre o Brasileco.**

Salientamos que a transcrição das respostas é literal, logo possíveis desvios de linguagem da norma culta se fazem presentes. Pensamos que não corrigir as respostas transpareceria a verdadeira opinião das crianças.

4.2.1 Conversando sobre a história do Brasileco

Para iniciar a conversa com os estudantes e introduzi-los na temática do questionário, o primeiro bloco, composto de seis perguntas, buscou estimulá-los a pensar sobre o Brasileco, como se fosse um “abrir de caminhos”. Assim, eles foram

³ Optamos por não identificar as falas das crianças, preferindo analisá-las no conjunto.

questionados se ainda se lembravam do personagem, o que os fazia lembrar, qual parte da história era sua preferida e os significados que estão vinculados ao Brasileco.

Dessa forma, na **questão de número 1**, perguntamos: “Você ainda se lembra do BRASILECO e da sua missão com o planeta? (Conte o que faz você se lembrar do personagem e explique com suas palavras a missão dele.)”.

Por uma análise geral, todas as crianças sinalizaram que lembravam do personagem e apontaram algumas ações, materiais e situações que lhes faziam lembrar o Brasileco, como podemos perceber nas seguintes respostas: “*eu me lembro dele quando vejo animais em extinção ou machucado*”; “*eu me lembro dele porque vejo todo dia perto da minha casa uma arara azul*”; “*quando eu vejo lixo ou desmatamento, natureza ou quando eu vejo na tv extinção de animais*”; “*quando eu olho a natureza eu me lembro dele*”; “*me faz lembrar: arara azul e a camiseta do Brasileco*”.

Outras respostas ligadas a atitudes e aprendizado, podem ser relatadas: “*o que me lembra são as cores: azul, amarelo verde*”; “*me lembro pelo nome por que é parecido com o Brasil*”; “*quando eu ajudo o meio ambiente eu lembro do Brasileco*”; “*quando estamos no período de ciências me lembro de algumas coisas*”; “*eu sempre me lembro do Brasileco quando eu joga lixo no lixo*”; “*eu me lembro dele quando eu vejo alguém fazendo uma coisa boa para o planeta*”.

Na mesma pergunta, ainda foi questionada qual era a missão do Brasileco e eles deveriam explicá-la. Pretendíamos com essa questão, saber se os estudantes tinham entendido qual o papel do Brasileco na formação escolar deles.

Com a análise das informações, constatamos que 86% das crianças, responderam que a missão dele era “*cuidar, ajudar e salvar a natureza e o meio ambiente*”. Uma parte pequena dos estudantes, 14%, escreveu que não se lembrava da missão, mas se lembra dele do personagem.

Algumas respostas destoam da média, pois as crianças responderam outras ações pra missão dele, como pode ser observado: “*cuidar dos animais em extinção*”; “*salvar o mundo*”; “*proteger o planeta da poluição e proteger os animais*”; “*não deixar acontecer nada de ruim com o planeta*”; “*ajudar o Brasil*”; “*ele era um menino*”.

preocupado com o que a Mãe Natureza “sentia”; “ele queria ajudar o planeta com a sua arara”; “tornar o planeta mais ecológico”; “impedir de existir um mundo poluído”.

Ao refletir sobre a maioria das respostas e as exceções demonstradas acima, cabe retomar aqui que a missão do personagem no livro é aprender e ensinar sobre os cuidados com a natureza, com os animais e com o meio ambiente. Assim, o Brasileco nunca saberá tudo, pois em suas aventuras ele irá aprender com outras pessoas e seres da natureza e irá compartilhar isso com as crianças. Essas, por sua vez, poderão multiplicar, o que aprenderam com Brasileco, conversando com seus familiares, amigos, colegas e também poderão e deverão praticar ações que possibilitem colaborar com o cuidado da natureza, dos animais e do meio ambiente.

Dessa forma, pelas respostas generalizadas dos estudantes sobre a missão do personagem e pelos dados mensurados, entendemos que as crianças compreendem como missão a função final da existência do personagem, ou seja, a consequência das ações de entender os problemas ambientais, quais os fatores que os causam e o que eles podem ocasionar na vida de cada cidadão e ser vivo na terra, desenvolvidas no livro, para que assim entendam qual o seu próprio papel no espaço que ocupam e o que pode ser feito em prol do cuidado, proteção e preservação da natureza, dos animais e do meio ambiente.

Na percepção das crianças, o Brasileco é quem irá salvar o planeta, pois o percebem como um super-herói disposto a combater os problemas ambientais que assolam o mundo. Elas depositam nele uma expectativa para que o planeta seja protegido e preservado.

A **pergunta de número 2** questionou: “Você gostou de conhecer a história do BRASILECO? (Fale o porquê da sua resposta.)”. Em relação a essa pergunta, a resposta quase unânime foi “sim”, concentrando 96% das opiniões. Apenas um número restrito de estudantes, 4%, indicou que não gostou, argumentando que a história era irreal e infantil.

O retorno sobre a justificativa das respostas positivas foi diversificado e com muitas respostas criativas e inspiradoras. Como na questão anterior, algumas respostas representam uma média de incidência, ficando assim marcado que a

história é importante porque ensina a cuidar do meio ambiente, a salvar a natureza e a proteger o planeta.

Sobre alguns argumentos diferentes, podemos citar: *“eu aprendi bastante mesmo, e além disto eu me diverti muito”; “muito interessante e educativo”; “por que eu achei bem legal trabalhar com um livro e depois ver o personagem”; “é um livro legal e conta a história de um menino brasileiro”; “foi uma aventura emocionante”; “o BRASILECO me espira para poder ajudar o meio ambiente cada vez mais”;*

Além dessas respostas, outras ainda podem ser citadas: *“o livro influenciou muitas pessoas, me lembro muitas vezes que a Coordenadora teve que mandar nós juntarmos o lixo do chão do pátio”; “ele nos deu uma missão pra gente cumprir”; “ele era divertido e brincalhão com a gente, faz cosquinha, cutucava a gente, era muito legal”; “Eu gostei muito, pois seu jeito de querer ajudar é contagiante”; “Incentiva as crianças a serem ecológicas”; “eu gostei da história por que fala como podemos cuidar do planeta em uma história divertida”; “Sim, porque ele encontra uma arara”; “sim porque ele tem um cabelo verde”; “gostei sobre a ecologia dele da arara mágica falante e da ciência dele”.*

Algumas crianças, além da resposta escrita, também desenharam como ocorreu no seguinte caso: *“Sim, porque me ajudou a conhecer como cuidar da natureza”.* Ao final da resposta, a criança fez um desenho muito bonito de um livro escrito nota 10, e saindo um balão do pensamento: *“se eu tivesse que por uma nota, eu botaria 10!”.*

Com relação à **pergunta de número 3**, questionamos: *“Você já conhecia os problemas causados pelo buraco na camada de ozônio e os efeitos dos gases estufa antes de conhecer a história do BRASILECO? (Conte se sim ou não e diga o motivo da sua resposta.)”.* Como o assunto da terceira pergunta é um dos pontos principais da aventura do Brasileco e um dos ensinamentos que o personagem procurou deixar para os leitores, a intenção aqui era entender se os alunos já tinham tido contato com esse problema ambiental.

Com o levantamento das respostas, descobrimos que o grupo ficou dividido entre sim, 43 % dos alunos já tinham tido contato com o assunto, e não, 57%

desconheciam a informação. Percebemos que o número de crianças que disseram não conhecer o assunto representa maioria nas respostas.

As crianças que disseram já conhecer o problema causado pelo buraco na camada de ozônio e o efeito dos gases estufa, antes da história do Brasileco, explicaram que aprenderam com pais, irmãos e alguns que viram no colégio, como pode ser visto nas seguintes respostas: *“a nova professora tinha nos ensinado”*; *“eu li em um livro”*; *“minha irmã me contou (fez um desenho dela e da irmã em casa; a irmã com um livro mostrando essa é a camada de ozônio e ela pensa: vou fingir que aprendi)”*; *“uma tarde me queimei na praia, e meus pais me explicaram mais ou menos”*; *“eu li em um livro sobre os problemas ambientais”*.

Muitas das crianças, que falaram já ter conhecimento sobre essa temática, informaram que entenderam melhor o assunto após ler a história do Brasileco e ter contato com as ilustrações no livro. Como exemplos, podemos citar: *“eu já tinha estudado antes foi bem legal por que entendi melhor”*; *“nós havíamos visto em ciências mais o BRASILECO nos explicou melhor de uma forma divertida”*; *“aprendi com os meus pais. O jeito que foi explicado foi muito legal”*; *“sempre faço este tipo de pergunta para meu pai, mas eu consegui entender melhor o que acontece”*; *“a professora explicou mas eu não entendi, mas com o livro do BRASILECO eu entendi”*.

Já os estudantes que falaram não conhecer o assunto podem ser divididos entre àqueles que não justificaram sua resposta negativa, escrevendo apenas não, e aqueles que explicaram que não sabiam e ainda disseram que aprenderam com o Brasileco. O último caso pode ser aqui observado: *“não, eu não sabia. Só fiquei sabendo através do livro do Brasileco”*; *“não, porque ainda não tinha aprendido. Mas com o Brasileco eu aprendi!”*; *“não, eu aprendi no livro do Brasileco”*; *“não, eu nunca tinha ouvido falar. Por isso eu botei na pergunta 2 que eu aprendi muita coisa”*.

Verificamos ainda outras respostas: *“não, eu só fiquei sabendo quando li o livro do BRASILECO”*; *“não, a professora falou um dia sobre isso mais nunca explicou e com o livro pude entender”*; *“não nunca tinha ouvido até eu ver o Brasileco”*; *“eu não sabia o que era mas depois lendo o livro eu entendi”*; *“não, pois fiquei sabendo quando o Brasileco veio a escola”*; *“não mas quando eu li a história do Brasileco eu comecei a conhecer”*.

Chegando à **questão de número 4**, perguntamos: “Qual a parte da história do BRASILECO que mais lhe chamou atenção? (Aqui você pode escrever ou pode desenhar. Se quiser também pode fazer as duas coisas.)”. Nessa questão há uma particularidade, pois as crianças poderiam responder desenhando, escrevendo ou usando as duas formas. Assim, a maioria dos estudantes desenhou mais do que escreveu e os desenhos foram ricos em detalhes e representações do livro. Dessa forma, 91% dos estudantes disseram ter uma parte preferida do livro e 9% indicaram que não se lembravam de nenhuma parte ou que não tinham uma parte preferida do livro.

O personagem, em quase todas as ilustrações, aparece muito bem feito e pintado com as cores certas e com o detalhe do mapa do Brasil no lado do coração. As ilustrações conseguiram comunicar com fidelidade as passagens do livro que eles estavam querendo expressar. Um número menor de crianças apenas escreveu a sua parte favorita da história e uma pequena parte desenhou e escreveu a cena.

Ao analisar as respostas, percebemos que uma passagem do livro ganhou destaque na preferência dos pequenos estudantes, foi a parte em que o Brasileco voa com a Arara- azul rumo ao espaço, aparecendo com 52% das opiniões. A maioria dos desenhos apresenta o Brasileco e a Arara-azul, mesmo que não estejam voando, como a cena que a arara começa a falar com o Brasileco.

Percebemos que a dupla Brasileco e Arara-azul conquistou a atenção dos leitores: *“na parte em que ele voa em sua arara, pois ela é um animal brasileiro”*; *“a parte que a arara-azul fala”*; *“a parte em que ele conhece a arara azul (desenhou uma árvore e uma arara pousada no tronco)”*; *“é a parte que o Brasileco estava voando na arara e viu o buraco na camada de ozônio (desenhou muito bonito o Brasileco com suas cores em cima da arara voando, como se estivesse flutuando)”*; *“desenhou o Brasileco e escreveu: Quando o Brasileco falou com a arara azul, porque ela é um animal”*.

Como o livro apresenta diversificadas cenas, os estudantes foram criativos em suas respostas, citando situações bem pontuais, mas que, por vezes, chegaram a aparecer mais de uma vez, representando 48% das opiniões. Como podemos observar: *“desenhou o Brasileco com as cores certas e escreveu: a mudança do*

Brasileco”; “a extinção das araras azuis”; “quando ele ganha a camisa da sua avó (desenhou a camisa do Brasileco)”; “quando ele foi na casa da vó dele”.

Outras cenas e situações bem específicas foram citadas como preferidas: “a parte que mais gostei foi que a arara azul aconselha o Brasileco”; “a que a vovó lhe deu seu uniforme para sua missão”; “a parte que mostrava o BRASILECO falava sobre a camada de ozônio e como o lixo no chão faz mal para o mundo”; “de quando o cabelo ficou verde e os tênis azuis”.

Podemos relatar ainda: “gostei de quando ele foi na vó dele todo molhado e a vó deu uma roupa”; “todas, por que o livro tem muita aventura e eu gosto muito de livros com aventuras”; “as roupas que ele usou da cor do Brasil”; “a que contou o significado do seu nome”; “desenhou uma cena onde está a Vovó Nina no jardim de sua casa, o Brasileco com a bandeira do Brasil no coração e a arara azul chegando para conversar (um desenho muito legal e fiel ao livro)”.

Percebemos que os estudantes diversificaram as suas respostas, possibilitando aparecimentos de muitas cenas do livro. Apesar de algumas passagens da história aparecer como maioria, outros momentos também se mostraram importantes para algumas crianças.

Com relação à **pergunta de número 5**, questionamos: “Você se lembra qual o significado do nome BRASILECO? (Escreva com suas palavras.)”. Essa questão aborda um ponto importante no livro do Brasileco, pois entender o nome do personagem é compreender a sua missão.

Dessa forma, o nome do Brasileco pode ser ilustrado pela fala da vovó Nina na história, quando ela explica para o neto como surgiu o seu nome: “em função da missão que a arara previu para você, eu pedi aos seus pais que lhe dessem o nome de Brasileco, que quer dizer “Brasil Ecológico”, de ecologia” (FURNO, 2013, p. 42).

As respostas para essa pergunta foram bem sucintas e objetivas, os estudantes não explicaram muito, indicando apenas o conceito básico do termo. Desse modo, quando questionados sobre o assunto, os estudantes ficaram divididos.

Podemos dizer que grande parte das crianças, número correspondente a 68% das opiniões, respondeu com a definição que está no livro, fazendo referência às

palavras Brasil, Brasileiro, Ecológico e Ecologia. Alguns trechos podem ilustrar essa afirmação: *“Brasil Ecológico”*; *“Brasil + Ecologia= Brasileiro”*; *“Brasil Ecológico”*; *“O significado vem do nome: Brasil e ecológico”*; *“Brasileiro+Ecológico=Brasileco”*; *“O significado do nome é de Brasil com ecológico”*; *“Sim. Brasil + ecologico= brasileiro”*.

Uma resposta foi além do conceito e explicou o motivo pelo qual o nome é esse: *“Foi a mistura de Brasil com ecológico, porque ele fala e faz coisas para ajudar o meio ambiente”*.

Como no livro há uma imagem ilustrando a explicação da avó sobre a formação do nome do Brasileco, utilizamos a mesma imagem para compor a pergunta em análise no questionário. Notamos que essa figura inspirou as crianças a reproduzirem a informação que há no desenho. Assim, uma parte dos estudantes, representando 22% das respostas, copiou o que estava escrito, como pode ser percebido nessas transcrições: *“Sim. Brasil + eco + lógico=Brasileco”*; *“Brasil eco lógico”*; *“Sim. É Brasil, eco, lógico e Brasileco”*; *“Bom os pais do Brasileco usaram o nome Brasil+eco=Brasileco”*.

Ainda há dois grupos de respostas que podem ser sinalizados na análise, envolvendo um número de alunos bem inferior em relação às duas primeiras categorias. Assim, temos os que colocaram que não se lembram, não sabiam ou deixaram em branco, sinalizando 4% das opiniões. E o outro grupo foi das crianças que encontraram outras visões para responder a pergunta, aparecendo com 6% das respostas, como destacado: *“Brasil porque eles moravam lá e eco é de lógico e o nome fica assim”*; *“Eco pessoa que protege o Brasil, Brasileiro que gosta da NATUREZA”*; *“Que o menino era Brasileco e gostava de ecologia. (natureza)”*; *“Brasil, eco e lógico por causa das florestas”*; *“Sim. A avó dele sugeriu este nome para a mãe, pois a avó sabia que ele seria um defensor da natureza e ajudante do mundo”*.

Em uma percepção geral, o retorno dos alunos foi positivo quanto ao significado do nome do Brasileco, pois de alguma forma demonstraram que foram tocados pela questão ambiental do personagem. E lembrar o significado do nome do Brasileco, é lembrar-se da sua missão.

Sobre a **questão de número 6**, perguntamos: “O que é ser BRASILECO para você? (Explique com suas palavras o que você acredita ser um BRASILECO.)”. A análise dessa pergunta nos permite aferir quais ideias os alunos formaram sobre ser um Brasileco, uma vez que eles tiveram contato com a missão e o significado do nome do personagem. Dessa forma, entender o que é ser um Brasileco, na visão deles, possibilita-nos verificar se a mensagem conseguiu tocá-los e que outras possíveis respostas podem estar ligadas à definição de ser um Brasileco.

Pela análise do material, observamos que as temáticas das respostas podem ser segmentadas em quatro categorias para organizar a análise. Dessa forma, a categoria que apresentou um número significativo de olhares, 52% das respostas, foi a intitulada “ser ecológico, protetor da natureza e do meio ambiente”.

Percebemos que as crianças relacionaram o nome do Brasileco e sua história com o que elas acreditam ser um Brasileiro Ecológico. Alguns trechos relatam essa posição: *“ser uma pessoa ecológica, que gosta dos animais e que protege a natureza”*; *“ser o Brasileco é ser Ecológico”*; *“um verdadeiro Brasileiro que ajuda a natureza”*; *“é cuidar da natureza”*; *“ser Brasileco é ser ecológico e ajudar o meio ambiente”*; *“ser Brasileco é ter atitudes ecológicas”*; *“ajudar a natureza e ser ecológico”*; *“ser ecológico = cuidar dos animais, etc. E sim e acho eu sempre fui ecológico do modo Brasileco”*; *“é ser ecológico com o Brasil”*.

A outra categoria perceptível nas respostas, aparecendo com 10% dos dados, é a “cuidar dos animais”. Observamos nessas repostas uma importante referência ao papel da Arara-azul na história e ao diálogo que a ave mágica teve com o Brasileco sobre a ameaça de sua espécie no Brasil.

Brasileco, se você não me conhecia, é porque a minha espécie quase foi extinta, pois é uma daquelas espécies que sofreram nas mãos de caçadores, de traficantes de aves, e também em função da degradação do meio ambiente. (FURNO, 2013, p. 29)

As respostas estão relacionadas também ao papel da vovó Nina na proteção das araras azuis, como pode ser visto neste trecho:

- Você conhece a Vovó Nina?
- Sim, ela é uma das pessoas que trabalharam para que minha espécie não desaparecesse. Ela acredita nos seres da Natureza e acredita que você pode ajudar a cuidar da Natureza. Por isso, também estou aqui, pois sua avó pediu ajuda para você. (FURNO, 2013, p.33)

Dessa forma, esse grupo de estudantes entende que ser Brasileiro é proteger os animais e cuidá-los, como descrito nas seguintes respostas: *“é ser real salvar os animais cuidar dos animais amar os animais”*; *“deve ser legal salvar os animais”*; *“para mim ser um Brasileiro é ajudar os animais e acabar com a extinção”*; *“Brasileco é ser uma pessoa Eco protetora dos animais”*; *“natureza. Um protetor dos animais”*.

A próxima categoria foi chamada de “salvar, ajudar, cuidar do planeta, da terra, do mundo”, pois os estudantes atribuíram a essas questões o que acreditam ser um Brasileiro. Verificamos que grande parte das crianças trouxe em suas respostas uma importância ao Brasileiro de salvar o mundo, ajudar a natureza e outros termos nessa dimensão. Essa categoria aparece com 21% do total de respostas.

Acreditamos que a viagem que a Arara-azul fez com o Brasileiro para fora da Terra, mostrando o problema na camada de ozônio e explicando sobre os efeitos dos gases estufa e o aquecimento global possa ter contribuído com a formação dessa percepção. Abaixo um trecho da história que ilustra essa viagem:

A Arara-azul voou tão alto que era possível enxergar o planeta Terra.
 - Arara que legal, estamos vendo a Terra, nosso planeta é mesmo azul, estamos muito alto!
 - Brasileiro, olhe novamente para a Terra, ela está totalmente azul? Você não está vendo uma parte mais escura?
 - Sim, estou! O que é?
 - Aquele é o buraco na camada de ozônio. A camada de ozônio funciona como um escudo protetor de raios ultravioleta emitidos pelo sol. Neste buraco, não há ozônio, ou ele é tão insuficiente que não pode proteger a Terra. (FURNO, 2013, p.58-59)

Dessa forma, o grupo expressou sua opinião atento a esses problemas ambientais globais e como as consequências desses fenômenos podem afetar a vida na Terra. Eles expressam sua esperança por um mundo melhor. Assim, entendem que ser um Brasileiro: *“é ser um brasileiro que gosta do planeta”*; *“ter a responsabilidade de salvar o mundo”*; *“pra mim ser Brasileiro é ajudar o planeta da destruição”*; *“é ser uma pessoa que ajuda o planeta”*; *“é cuidar do planeta não poluir não fazer o mau”*; *“uma pessoa que nasceu para ajudar o mundo”*; *“eu acredito que ser Brasileiro é ajudar o planeta a ser limpo e saudável”*; *“é ser consciente dos problemas do mundo e ajudar”*; *“cuidar bem do planeta”*; *“proteger o mundo”*.

O último grupo, representado por 17% do total de respostas, engloba as opiniões que destoaram dos assuntos já abordados, por isso intitulamos essa categoria de “outras perspectivas”. A composição dessa categoria demonstra a diversidade de idéias e visões que os estudantes conseguiram desenvolver ao pensar o que é ser um Brasileiro. Podemos notar a sensibilidade das crianças em suas respostas e uma vontade de fazer a diferença.

Assim, algumas crianças apresentaram uma visão mais lúdica do que é ser Brasileiro: *“o Brasileiro é um super herói do meio ambiente”*. Por outro lado, alguns estudantes trouxeram a relevância das ações humanas como parte do processo de ser um Brasileiro Ecológico.

A função social e cidadã que compõem os conceitos de Educação Ambiental podem ser percebidas, então, nas respostas que seguem: *“ser Brasileiro pra mim é abraçar o mundo e AJUDAR AS PESSOAS (essas últimas em letras maiúsculas e na cor vermelha para não deixar dúvida para a intenção do destaque)”*; *“alguém que recicla, alguém que cuida do meio ambiente, alguém gentil”*; *“ajudar todo o Brasil – e para definir o “todo” desenhou uma menina que deixou o sorvete cair e ganhou outro do vendedor, uma menina em uma cadeira de rodas e uma pessoa ajudando-a e um menino auxiliando uma senhora a atravessar a rua na sinaleira; “desenhou uma menina colocando lixo no lixo e segurando uma mudinha de flor na mão”*; *“ajudar o meio ambiente, ajudar os animais e as pessoas”*.

Outro eixo notável nessa categoria apresenta o sentimento de amor pelo Brasil. Em suas respostas as crianças também demonstram a sua admiração pelo país. Essa temática na resposta pode ser explicada pela mensagem da Arara-azul ao Brasileiro:

- Brasileiro, também é muito importante que, onde quer que você vá, você leve sempre o seu país no coração. Porque o Brasil é a sua pátria, um país abençoado por riquezas naturais, que tem muito a contribuir com o mundo todo. E ter consciência disso é fundamental. (FURNO, 2013, p. 38)

Dessa forma, encontramos transcrições como essas: *“um Brasileiro é alguém que é brasileiro acima de tudo e é um verdadeiro defensor da natureza”*; *“ser um Brasileiro é cuidar de nosso grande BRASIL”*.

A fala de um dos alunos se destaca dentro desse grupo, pois afirma que *“pra mim ser um Brasileco é amar o mundo, o Brasil ou onde você esteja e cuidar dele e ser Brasileiro com orgulho”*.

Uma última segmentação pode ser encontrada ainda dentro dessa categoria, pois identificamos uma mensagem de esperança e uma oportunidade de mudança em relação ao comportamento vigente sobre o ambiente. Dessa forma, a consideração dessa criança propõe que: *“Ser BRASILECO é ajudar o meio ambiente e não poluir o planeta pois ele não precisa ter prédios para ser bonito, não precisa ter carro pois se nós caminhamos podemos ver as maravilhas do nosso lindo planeta terra.”*

Encontramos ainda opiniões que motivam a missão do Brasileco e vão ao encontro da idéia de formar uma corrente do bem com pessoas dispostas a fazer algo pelo meio ambiente. Como pode ser visto nesse trecho do livro, quando a Arara-Azul diz:

- E seu exemplo, Brasileco, será seguido por muitas outras pessoas, formando uma grande corrente de aprendizado, que beneficiará a muitas e muitas pessoas em muitos lugares. (FURNO, 2013, p. 42)

Por suas respostas, essas crianças apresentam uma sensibilidade e um sentimento de transformação para contribuir com a trajetória do Brasileco: *“ser Brasileco é ser responsável e cuidar do planeta. Talvez um dia eu seja uma Brasileca”*; *“eu acredito que ser um Brasileco é **acreditar** no mundo”*.

Sobre as mensagens transmitidas pelo Brasileco, entendemos que estão relacionadas em maior plano ao livro que narra história do personagem. Conforme o que foi apresentado nos questionários pelos estudantes, encontramos respostas positivas sobre a importância do livro “Brasileco – o início da aventura” e o papel desenvolvido na educação dos alunos. Muitos dos entrevistados disseram que aprenderam muito com o material e gostaram da história.

Para Marcondes Filho (2008) um ato só se transforma em comunicação se o outro permitir transformar-se pelo sinal que está recebendo, pois o mistério possibilita a entrada do novo. Percebemos que os estudantes se deixaram tocar pela história do Brasileco, que tem aventura e ações lúdicas, e a recebem como algo inspirador e motivador para cuidar do meio ambiente.

Ainda para Marcondes Filho (2008), um livro é capaz de comunicar, pois possibilita a novidade, gera a estranheza. Ele pontua uma situação que cabe ao Brasileco, ao falar que é o novo que o muda, pois o conhecido apenas o reforça. Assim, conhecer a mensagem e ações do Brasileco, através do livro, possibilita instigar novos comportamentos e atitudes sobre o meio ambiente e sobre a consciência ambiental.

Essas questões também nos possibilitam pensar nos apontamentos de Carvalho (2008) sobre o sujeito ecológico. As respostas dos estudantes, sobre a história do Brasileco, nos mostram que eles estão dispostos a desenvolverem a sua consciência ambiental e a buscar uma postura cidadã que incorpora nas suas atitudes e hábitos a questão socioambiental. Esses alunos mostraram-se atentos aos problemas e sensíveis à mudança, postura necessária para percorrer um caminho que desperta o sujeito ecológico que acompanha cada um e que só precisa ser (re) vivido.

Essa leitura abre espaço para a educação emancipatória de Paulo Freire (2011a, 2011b), que contribui com essa reflexão, ao afirmar que os sujeitos sociais precisam ser emancipados e autores de sua própria história. E o olhar para educação ambiental permite compreender as relações entre sociedade e natureza e intervir nos problemas e conflitos ambientais.

Freire (2011b) nos iluminou ao afirmar que a educação realizada pelo diálogo é comunicação, desde que realizado em uma via de mão dupla e questionadora. Logo, a oportunidade que os estudantes tiveram de trocar com a turma, com o livro, com a professora e com autora desencadeou os princípios da pedagogia da comunicação. Eles puderem ultrapassar a barreira da transferência de saber e a difusão do conhecimento para alcançar o relacionamento.

4.2.2 Vamos conversar sobre a aparência do Brasileco

Neste bloco, composto de quatro perguntas, procuramos saber o que os alunos registraram acerca da aparência do personagem infantil, como também o que eles pensam desta caracterização do Brasileco.

Dessa forma, na **questão de número 7**, perguntamos: “Você se lembra qual a cor do cabelo dele? E você sabe o porquê dessa cor?”. Como o cabelo do Brasileco é um elemento importante na composição da caracterização do personagem, pois comunica uma de suas formas de agir, essa pergunta pretende observar se as crianças compreenderam a mensagem sobre a cor verde dos seus cabelos. No trecho abaixo, na fala da Arara-azul, fica claro como o Brasileco deixou de ter os cabelos castanhos para ter os cabelos verdes e o que isso quer representar.

- Muito bem, Brasileco, você está muito bonito! E você até merece alguns complementos: de agora em diante, você terá os cabelos verdes para que tenha sempre em mente que a Natureza e o Meio Ambiente são fundamentais para todo o mundo. (FURNO, 2013, p.52)

A análise das respostas dos estudantes foi dividida em três categorias. A primeira categoria foi chamada de “natureza, matas e florestas” e compreende grande parte das opiniões com 52% das respostas. Dessa forma, as crianças atribuem a esses elementos a cor verde do cabelo do Brasileco, como podemos ver nessas falas: *“a cor do cabelo dele é verde por que veio da mata”*; *“verde. É a cor da natureza”*; *“verde, por causa das matas e florestas”*. Apresentamos apenas essas passagens, pois todas as outras respostas dessa categoria se assemelham as que foram trazidas aqui.

Há, no entanto, uma resposta que se destaca das outras dessa categoria e que estabelece ligação com a explicação que a Arara-azul deu ao Brasileco ao pintar o seu cabelo de verde: *“verde. Sim, era porque ele tinha a natureza sempre na sua cabeça”*. Essa criança foi a única que se expressou utilizando a ideia da história.

A próxima categoria identificada foi “Brasil e bandeira do Brasil” e aparece com 43% das opiniões. Verificamos que essas duas categorias abarcam praticamente todas as respostas coletadas.

Nessa situação, as crianças justificaram a cor verde do cabelo do Brasileco ao Brasil, alegando que essa cor representa o país, e a nossa bandeira. Essas relações construídas encontram sentido, pois um dos termos faz parte do nome do Brasileco e outro aparece na sua roupa, ao trazer o mapa do Brasil na posição do coração na camiseta do personagem. Dessa forma, temos as seguintes respostas ilustrativas: *“verde. Porque representa o Brasil”*; *“verde e é verde por que a bandeira*

do BRASIL tem verde”. *“verde. E por que é a principal cor da bandeira do Brasil”; “sim, por causa da cor do Brasil”.*

Um número reduzido de estudantes responde na terceira categoria “lúdica e ambiental” que engloba as respostas que saíram das temáticas anteriores, aparecendo com 5% das opiniões. Assim, estas respostas: *“verde. Porque ele ajudou a natureza e ganhou poderes”; “verde e é assim porque ele ama a natureza”,* são capazes de representar um lado mais lúdico do cabelo verde, acompanhando a perspectiva na qual foi escrita a história.

E ainda dentro dessa categoria incidem as respostas das crianças direcionadas ao meio ambiente e a ecologia, como também ao papel do Brasileco como um protetor. Podemos encontrar essas situações nas seguintes respostas: *“Verde, porque ele era uma pessoa que cuidava do meio ambiente”; “Sim. Era verde. Sim e o porquê era dele ser ecológico e defensor da natureza”; “a cor do cabelo do Brasileco era verde para lembrar do meio ambiente”; e “verde, ecologia”.*

Podemos relacionar ainda algumas poucas respostas de crianças que disseram não lembrar ou que não sabiam e alguns casos isolados citam como azul a cor do cabelo.

Já na **pergunta de número 8**, questionamos: “Você sabe quais são as cores da roupa dele?”. A roupa do Brasileco é outra característica peculiar na sua composição e comunica algo para os estudantes. As cores possibilitam que a criança se identifique com a Naturalidade do personagem, que é Brasileiro, uma vez que, toda a caracterização do personagem foi inspirada nas cores da Bandeira do Brasil.

Assim, a ideia é de que as crianças se sintam brasileiros e que, por sua vez, criem essa identificação com a natureza e meio ambiente, tornando-se um Brasileiro ecológico. Dessa forma, essa questão buscou destacar se as crianças conseguiram registrar as cores da camiseta, que é amarela com listras verdes na gola e nas mangas, e da bermuda, que é azul e se há relações com outros elementos nacionais.

Nessa questão, os estudantes foram objetivos em suas respostas e pouco criativos, citando apenas as cores e, algumas vezes, segmentaram a resposta apontando qual era a cor da camiseta e qual era a cor da bermuda.

Assim, a revisão das respostas nos possibilita afirmar que os resultados podem ser divididos em dois grandes grupos, pois esses foram maioria nas falas: “azul e amarelo”, sendo azul a bermuda e amarela a camiseta, com 45% das opiniões, e “azul, verde e amarelo”, com 40% das respostas; essa última opção, algumas vezes, apareceu como: “*as cores do Brasil*”. Um pequeno grupo, 15% restante das respostas, ainda citou que as cores da roupa do personagem eram “verde e amarelo”.

Essa questão mostra que os estudantes guardam as características principais do personagem e também realizam conexões com elementos externos, como as cores da bandeira do Brasil. Com exceção do grupo que citou as cores “verde e amarelo”, sabemos, no entanto, que são as cores em maior destaque na bandeira do Brasil.

Com relação à **pergunta de número 9**, questionamos: “O BRASILECO pediu para Vovó Nina colocar uma figura na camiseta dele na posição do coração. Você se lembra o que é e qual o motivo dele pedir isso?”. Quando o Brasileco encontra a Arara-azul e descobre a sua missão, ela faz um pedido a ele:

- Brasileco também é muito importante que, onde quer que você vá, você leve sempre o seu país no coração. Porque o Brasil é a sua pátria, um país abençoado por riquezas naturais, que tem muito a contribuir com o mundo todo. E ter consciência disso é fundamental. (FURNO, 2013, p. 38)

Depois que eles conversaram, o Brasileco vai até a casa da Vovó Nina e diz para ela que encontrou com a Arara-azul, e acaba contando o que conversaram. Após esse diálogo com sua avó, o Brasileco lhe faz um pedido:

- Vovó, eu queria lhe pedir um favor:
 - A Arara-azul me disse que eu tenho que ter sempre o Brasil no coração. A senhora poderia bordar o mapa do Brasil nesta camiseta que a senhora me deu?
 - Na posição no coração, Brasileco?
 - Isso mesmo: bem no coração, para que ninguém tenha dúvida que eu acredito que posso cumprir a minha missão. Eu vou fazer tudo o que eu puder para ajudar a Natureza e o nosso país. (FURNO, 2013, p. 48)

Após esse contexto com as passagens do livro, é possível entender o que estava sendo questionado na pergunta. No entanto, com a análise das respostas, detectamos que mais da metade dos estudantes, representado 57%, não soube responder a essa questão. Eles informaram que não lembravam ou não sabiam, assim, surgiram respostas como: *“desculpa, mas não me lembro”*; *“não sei”*.

Mas, a outra parte do grupo, concentrando 43%, que pode ser considerada um bom número, soube responder a questão indicando os elementos da história. As palavras utilizadas, por vezes, não foram iguais as do livro, mas é possível compreender que eles sabiam o que estava sendo perguntado; algumas crianças se expressaram utilizando desenho.

A seguir as respostas que podem ilustrar a questão: *“era o mapa do Brasil para sempre ter o Brasil no coração”*; *“era a figura do mapa do Brasil”*; *“sim, era o Brasil, para ter seu país no coração”*; *“era o território do Brasil porque ele queria cuidar do Brasil”*; *“desenhou a figura do coração e dentro a bandeira do Brasil”*; *“eu lembro que é a bandeira do Brasil, eu acho que é para ter o Brasil no coração”*. *“desenhou a bandeira do Brasil”*.

Sendo este um ponto importante na e da história do Brasileco, pois está ligado à questão do pertencimento e do se sentir brasileiro, percebemos que essa característica deve ser trabalhada com mais atenção com os alunos. Se a finalidade do personagem é despertar o sentimento de Brasileiro ecológico para cuidar da natureza, dos animais e do meio ambiente, é preciso que as crianças entendam a que país elas pertencem e porque o Brasileco tem esse desejo de cuidar do Brasil.

Por último, na **pergunta de número de 10**, questionamos: *“Você acha importante que o BRASILECO tenha essas características físicas?”*. Com esse questionamento, tínhamos a expectativa de saber se os estudantes gostavam do Brasileco com essa aparência, pois as características de um personagem influem diretamente na aceitação do público.

Como a missão do Brasileco trabalha com as questões ambientais, e essa temática precisa ser elucidativa e bem recebida, torna-se essencial conhecer a receptividade da sua aparência em relação às crianças. Assim, se o personagem for aceito, a sua mensagem passará a fazer sentido para os estudantes e cumprir o seu

objetivo que é tocá-los e despertá-los para os problemas ambientais, para o aprendizado necessário e para ações práticas.

Dessa forma, podemos afirmar que o grupo foi praticamente unânime na resposta positiva. Logo, as crianças acham importante que o Brasileco apresente esses elementos que o formam. Mais uma vez, os estudantes foram muito objetivos nas respostas, sintetizando a opinião em “sim”, que aparece com 93% das opiniões, ou “não”, com 7% das respostas.

No entanto, alguns estudantes justificaram a sua resposta, como pode ser visto: *“sim, pois assim ele mostra as crianças o amor que ele tem pelo Brasil”*; *“sim, pois ele incentiva as crianças a preservar o meio ambiente”*. Outras respostas fazem referência à importância para o país: *“sim, pois o Brasil tem essas características”*; *“sim, para representar o Brasil”*; *“sim, para mostrar que ele é o Brasil ecológico”*; *“sim porque o nome dele representa isso”*; *“sim, porque todos percebem que ele ama e tem o Brasil no coração”*; *“sim, para homenagear o Brasil”*.

O pequeno grupo que informou que essas características não são necessárias ou que não sabiam responder também foi objetivo, optando pelas palavras não e não sei. Apenas esses estudantes explicaram suas respostas, sendo que uma acaba de contradizendo: *“não, por que o que importa está por dentro, mas um personagem diferente como o Brasileco é legal”*; *“não pois qualquer um pode ajudar o planeta”*; *“acho que não é muito importante”*.

Entendemos que a aparência do Brasileco e sua caracterização são bem recebidas pelas crianças, oportunizando espaço para sua história, que pode sensibilizá-los para causa ambiental. A figura do personagem, pelos comentários, também tem a oportunidade de cativá-los para incentivar que se desenvolva a consciência ambiental de cada criança e o sentimento de Brasileco, auxiliando nas ações e projetos de Educação Ambiental no Brasil.

Esse apontamento converge novamente com a posição do sujeito ecológico citado por Carvalho (2008), pois encontramos espaço para que o personagem, com suas características, estimule o sujeito ecológico de cada um. E, dessa forma, as crianças estarão se tornando Brasilecos também, ou seja, Brasileiros Ecológicos,

contribuindo com a formação da corrente do bem que é citada na história pela Arara-azul.

As características do personagem tornam-se “canais de mensagem”, pois saber o que significa cada elemento é se apropriar da definição e da proposição da sua existência.

Outra questão que pode ainda ser explorada nesse contexto encontra suporte em Heike Freire (2013) e sua contextualização sobre o desenvolvimento da criança e o envolvimento com a natureza. Para ela, se estimulados quando crianças, os adolescentes tendem a se envolver em causas ambientais e sociais com maior frequência. Por esse olhar, o personagem Brasileco pode ter como função mostrar para as crianças que elas podem e devem fazer a diferença desde o início da sua vida, assumindo atitudes responsáveis que auxiliem e protejam a natureza, o meio ambiente e vivam dentro dos princípios da cidadania. Por isso, o entendimento sobre a aparência do personagem torna-se essencial.

Com relação aos questionamentos específicos sobre as características físicas do personagem: cabelo, roupas e gestos, e a importância do Brasileco apresentar essas especificidades, podemos afirmar, então, que o personagem consegue estabelecer uma comunicação com as crianças pelo seu corpo. Assim, como apresentado, Wolton (2011) podemos comunicar tanto pelo texto e voz, como por um gesto, aparência ou um sorriso. Dessa forma, encontramos relações de comunicação devido ao compartilhamento de informações e convivência com o outro, permitindo o vínculo comunicativo.

E buscando referência em Contrera (2009), sabemos que essa é a base para se chegar ao ato comum de comunicar. Logo, os estudantes e o personagem controem processos de significação, indo além de relações instrumentais, buscando construir um elo simbólico através da missão do personagem.

Dessa forma, a análise sobre esses elementos destaca que, por exemplo, os cabelos verdes que, além de cumprirem sua função de lembrá-los sobre a importância de ter sempre em mente a importância da natureza, também representam algo divertido. Apesar dos estudantes não guardarem a questão central do cabelo verde, elas conseguem relacionar ao elemento que originou essa aparência: matas, natureza, meio ambiente.

O mesmo pode ser pensado sobre a roupa do Brasileco, que também comunica valores para as crianças, pois quer reforçar a nacionalidade dos estudantes, que são brasileiros, para que, então, se sintam brasileiros ecológicos. Por isso, a roupa do personagem utiliza as cores da bandeira do Brasil, símbolo que encontra referência em praticamente todos os sujeitos brasileiros. Se a criança cuida e valoriza o que é do seu país, a relação de pertencimento se cria e, com ele, o cuidado com o meio ambiente.

Desse modo, recorreremos às contribuições de Bordenave (1984), e destacamos que a comunicação não acontece apenas com mensagens explícitas, mas, por gestos, por uma roupa, por uma atitude que por vezes são passíveis de comunicar com maior eficiência. Assim, tudo comunica, e com o Brasileco foi possível constatar isso.

4.4.3 Conversando sobre o interesse no Brasileco e a mudança de hábitos

Neste bloco de duas perguntas, procuramos entender se o Brasileco conseguiu despertar a vontade dos estudantes de multiplicar a figura do personagem e se houve alguma mudança de hábitos depois que eles desenvolveram atividades com a história do Brasileco.

Dessa forma, **na pergunta de número 11**, questionamos: “Você já falou sobre o BRASILECO e qual a sua história para alguma outra pessoa além dos seus pais? (Você pode marcar quantas opções quiser.)” Alternativas: a) Avós; b) Tios; c) Primos; d) Padrinhos; e) Amigos; f) Outra pessoa; g) Eu não falei do BRASILECO para ninguém. Por essa pergunta, pensamos que seria possível saber um pouco mais sobre o alcance do personagem e da sua história dentro da particularidade de cada aluno. Isso possibilita-nos perceber se o desejo da Arara-azul compartilhado com o Brasileco sobre a formação de uma grande corrente de aprendizado pode ser iniciada e incentivada pelas crianças.

Sendo assim, nessa pergunta criamos alternativas para que as crianças pudessem responder à questão, pois pensamos que poderia ser uma forma de estimular a recordação pelas opções oferecidas e elas poderiam sinalizar quantas

quisessem. Também deixamos uma opção em aberto para o caso das alternativas não contemplarem a resposta pretendida.

Pela análise das alternativas marcadas, observamos que praticamente todos os estudantes falaram do Brasileco para alguma outra pessoa que não fosse os seus pais, como indicava na pergunta.

Vamos elencar as opções que apresentaram maior incidência nas respostas das crianças de forma decrescente. A alternativa “amigos” foi a que maior número de vezes apareceu, com 48% das opiniões, integrando a maioria das respostas. Em seguida aparece a opção “avós”, com 43%, englobando grande participação nas opiniões. Essas duas opções representam aquelas que mais se destacaram, ficando à frente das outras opções. Podemos sugerir que a figura da Vovó Nina cativou as crianças, as incentivando a contar sobre a história do Brasileco para os avós.

Na sequência, a alternativa “primos” ganha destaque nas repostas, com 35% das opiniões. Ela difere-se pouco das duas primeiras opções. Partindo para um grupo menor, encontramos ainda a resposta “padrinhos”, com 31% das respostas, e “outra pessoa”, com 21% de indicação, a qual teve como respostas: “irmã”, “irmão” e “vizinhos”, e a opção “tios” aparece com 18%.

Verificamos também que praticamente metade do grupo, representando 48% dos alunos, marcou mais de uma alternativa em sua resposta, chegando a casos em que quase todas as opções foram sinalizadas. Esses resultados colaboram com os objetivos do personagem ao espalhar o sentimento de Brasileco e plantar sementes de atitudes e união entre as pessoas em prol de ações positivas para o meio ambiente.

Ainda houve algumas crianças que marcaram como resposta a opção “eu não falei do BRASILECO para ninguém”, aparecendo com 24%. Em estudos futuros seria interessante um contato com esses estudantes para saber o motivo dessa resposta, pois podemos notar que o personagem não os cativou com sua mensagem.

Já na **questão de número 12**, perguntamos: “Você começou a fazer alguma coisa para colaborar com o cuidado do nosso planeta Terra em sua casa e na sua rotina depois que conheceu o BRASILECO? Marque com um X as opções que você

se identifica. Pode marcar mais de uma”. Alternativas: a) Separar os resíduos (lixo) em seco e orgânico. b) Economizar água. c) Fechar a torneira ao escovar os dentes. d) Não jogar resíduos (lixo) no chão ou na rua. e) Não demorar tanto no banho. f) Não desperdiçar alimentos. g) Cuidar do ambiente e dos animais. h) Ir mais a locais que ofereçam contato com a natureza. i) Outra atitude que não está nas opções anteriores: j) Eu não mudei meu jeito de ser depois que conheci o BRASILECO.

Em um momento do livro, logo que o Brasileco encontra a Arara-Azul, ele demonstra certa preocupação e curiosidade com o fato de tentar achar uma solução para resolver o problema da Natureza, que está triste. Então, a Arara-azul motiva-o respondendo:

- Não sei se vamos resolver o problema, Brasileco! O que sei é que não podemos deixar de fazer alguma coisa apenas porque não podemos fazer tudo. Se cada um fizer um pouco, muitas pessoas juntas vão, sim, conseguir ajudar a Natureza! (FURNO, 2013, p. 34)

Buscando apoio nessa passagem da história, essa pergunta representa um questionamento sobre a possibilidade de o Brasileco despertar e desenvolver a consciência ambiental das crianças, por meio de sua história e figura enquanto personagem.

Também foi possível observar que a mensagem tocou os estudantes, estabelecendo laços de interação. E, assim, conscientizá-los que é preciso mudar alguns hábitos diários para começar a fazer a sua parte no processo de transformação necessário para buscar resolver alguns problemas ambientais (Carvalho, 2008).

Sabemos que a atividade realizada com o livro do Brasileco com os estudantes na escola em cada ano teve um caráter pontual e mais abrangente, o que não dialoga com as pressupostos da Educação Ambiental, pois esta defende que o aprendizado tem de ser constante e com ações práticas (CARVALHO, 2008; FREIRE, 2013). Dessa forma, essa questão foi motivada pelo interesse de observarmos a posição das crianças diante dessa reflexão. Como o material de coleta foi aplicado de forma individual e sem questionamentos, as crianças responderam o que acreditamos ser o que realmente fazem.

Essa pergunta também foi construída com alternativas, para que os estudantes pudessem ter uma referência do que significava a mudança questionada. Eles puderam marcar quantas alternativas desejassem e ainda existia a opção onde eles poderiam escrever alguma ação que não estivesse ali. Praticamente todos os estudantes marcaram mais de uma alternativa em suas respostas. Logo, os percentuais apresentados são referentes ao valor de 100% das respostas, ou seja, cada alternativa é independente.

Após o levantamento de todas as opções assinaladas, observamos a incidência de cada alternativa, que iremos elencar em uma escala decrescente de concentração. Assim, a alternativa que mais mobilizou as crianças foi “fechar a torneira ao escovar os dentes”, praticamente todos assinalaram e aparece com 81% das respostas. Em seguida aparecem as opções “não jogar resíduos (lixo) no chão ou na rua” com 73%, e “cuidar do ambiente e dos animais” com também 73% das respostas. Na sequência, observamos que a ação “economizar água” surge quase com o mesmo grau que as anteriores com 72% das opiniões.

A alternativa “separar os resíduos (lixo) em seco e orgânico”, apresenta 63% das respostas, e está bem próxima nas escolhas da opção “não demorar tanto no banho” com 59% de indicação pelos estudantes. A alternativa “ir mais a locais que ofereçam contato com a natureza” aparece mais para o fim, mas apresenta uma boa parte das escolhas com 56% das opiniões, assim como “não desperdiçar alimentos”, que representa 51% dos estudantes. Mais deslocado do restante das alternativas está a opção “outra atitude que não está nas opções anteriores” com 20% de indicação. Nessa resposta, os estudantes poderiam contribuir com o estudo com outras ações realizadas por eles, como foi sugerido: “*economizar energia*”; “*ser solidário*”; “*limpeza dos locais*”; “*não poluir o planeta*”; “*não maltratar os animais*”; “*cuidar da natureza*”; “*plantar*”; “*reciclar*”; “*ser legal com todos*”; *economizar água na hora de lavar o carro*.

Por último aparece a opção “eu não mudei meu jeito de ser depois que conheci o BRASILECO” com 3% de respostas, e a sua escolha foi quase ínfima perto das alternativas apontadas. Ressaltamos, ainda, que um pequeno grupo de estudantes assinalou que já praticavam algumas dessas atitudes antes de conhecer o Brasileco.

Percebemos pelos dados que as crianças mostraram-se solidárias às mudanças e dispostas a contribuir com a missão do Brasileco. O personagem sensibilizou o Brasileiro Ecológico que tem em cada um para praticar ações positivas para o ambiente e também ações de cidadania, conforme aponta Carvalho (2008).

Sobre a identificação que pode ser gerada entre as crianças e o personagem, constatamos que existe esse elo e as respostas são todas relacionadas com atitudes ambientais. Logo, como eles fazem algo de bom para a natureza, para os animais e para as pessoas, eles se sentem Brasileco.

Existe, desse modo, uma identificação e também uma admiração pelo personagem. Medina (2006) ao propor que estamos vivendo o signo da relação, esclarece esse novo eixo que está surgindo, ou seja, estamos deixando o eu-objeto para irmos ao eu-tu. Para isso, é preciso que haja uma interação e uma posição de igualdade. A identificação entre o Brasileco e as crianças surge naturalmente, pois os estudantes estão dispostos a ajudar a cuidar da natureza e do meio ambiente. Elas se sentiram parte da história junto com o personagem e se permitiram interagir com a sua mensagem.

Assim, as respostas encontradas nos possibilitam perceber o papel multiplicador das crianças, por isso é necessário engajá-las nos processos de aprendizagem e conscientização ambiental. Mas, sabemos que esses estudantes precisam se sentir sujeitos desse processo, fortalecidos pelo diálogo, pela troca de experiência e de transformação (FREIRE, 2011a). E ainda na visão de Freire, esse diálogo precisa ser nutrido com amor, humildade, esperança e fé para que se possa comunicar, pois, assim, estabelecemos uma relação e oportunizamos que o outro nos toque com o seu conhecimento. E, para o viés ambiental, torna-se necessário que esses estudantes estejam abertos para essa informação, como se mostraram estar, para conhecer o seu entorno e conhecer a sua função nesse meio social.

4.4.4 Conversando sobre as músicas do Brasileco

Este bloco é composto por apenas uma pergunta e observa qual o papel da música para a mensagem do Brasileco aos estudantes.

Logo, na **pergunta de número 13**, questionamos: “Você se lembra de algum trecho de umas das músicas do BRASILECO? Escreva, por favor, a parte que você lembra e justifique. Qual a sua música preferida do Brasileco?”. Como o livro do Brasileco, as músicas também são um importante meio para conquistar a atenção das crianças para a temática ambiental de uma forma descontraída e lúdica.

Assim, trabalhar com músicas que estimulem uma consciência ecológica e transmitam uma mensagem capaz de gerar reflexão de maneira divertida, contribui com o processo de sensibilização, afeto e aprendizagem que o Brasileco está buscando em sua trajetória para ajudar o meio ambiente (SILVA; SAMMARCO; TEIXEIRA, 2012). Por essa visão, a referida pergunta foi realizada com o intuito de sabermos se as músicas trabalhadas com o livro conseguiram cativar, pela sensibilidade musical, as crianças para missão do personagem.

No entanto, para esta pergunta iremos utilizar apenas as respostas dos estudantes que trabalharam com o Brasileco em 2012, pois as crianças de 2013 não dispuseram de tempo hábil para ouvirem as músicas. Logo, a amostra para análise reduz pela metade, considerando apenas 48 alunos.

Pelas respostas coletadas, percebemos que apenas metade das crianças, 50% dos estudantes, se lembrava de alguma das músicas do Brasileco. O restante, os outros 50%, respondeu que não se lembrava, pois fazia muito tempo que tinham ouvido a música como pode ser conferido: *“não me lembro faz muito tempo”*.

A parte que informou se lembrar, citou trechos das músicas como solicitado e justificou sua resposta. Podemos ver que a música “Hora de Brasileco” foi a mais lembrada com 52% das respostas, pelos trechos: *“a hora é agora não dá para esperar, seja Brasileco aqui em qualquer lugar”*; *“Brasileco eu sou! Brasileco você!”*; *“Brasileco eu sou...”*; *“com o Brasil no coração”*. Eles justificaram a escolha por: *“ela é incentivante”*; *“fala bem sobre o próprio personagem”*; *“porque eu gosto”*; *“por que isso é verdade (fez uma seta para o trecho a hora é agora não dá para esperar)”*.

A música “Brasileco” (hip-hop) foi a próxima música mais lembrada com 38% de indicação, como pode ser visto nos trechos citados: *“plante aqui plante lá, plante em todo lugar”*; *“Brasileco aqui Brasileco ali, Brasileco lá e em todo lugar”*; *“plante aqui plante lá em todo lugar. Brasileco somos todos nós”*. As suas justificativas

aparecem como: *“por que tem um clipe legal mostrando o Brasileco plantando”*; *“porque fala para nós que somos Brasilecos”*; *“rap, porque é legal”*.

Já a música “Samba de Brasileco – Eu sou Brasileco” surge com menos incidência, em uma escala de preferências, com 10% das respostas. Um dos trechos citado foi: *“e, e, eeeeco, eu sou Brasileco, na ecologia eu me chamo Brasileco”*. A justificativa que a representa é: *“me identifico com ela”*.

Por essas respostas, observamos que a música, se bem trabalhada com os estudantes, tem espaço para contribuir com as outras ações a serem pensadas para trabalhar a história do Brasileco em sala de aula e estimular os estudantes a (re) pensarem os seus hábitos com e no meio ambiente.

Podemos inferir que o grupo que se lembra das músicas estabeleceu um processo de comunicação com a mensagem ambiental passada. Wolton (2011) colabora com essa posição, ao afirmar que apenas a música comunica sem convivência, sendo a única oportunidade de se abrir para o outro, exercendo o papel da tolerância. Para ele, ela seria a única linguagem universal, a qual permite que pessoas convivam e se conectem mesmo não tendo nenhum laço. E isso é perceptível nas visitas que o Brasileco fez à Escola quando das conversas com a autora. Quando chega o momento dos estudantes ouvirem ou dançarem as músicas, até os mais envergonhados e retraídos entram na brincadeira.

Silva, Sammarco e Teixeira (2012), ao trabalharem com a educação ambiental lúdica, salientam que estamos estimulando os sentidos e nos integrando ao ambiente de uma maneira diferente ao desenvolver atividades dentro desta perspectiva lúdica. Assim, constatamos que a música possibilita sensibilizar e estimular, através de suas mensagens, uma consciência ambiental através do envolvimento e da ludicidade.

No entanto, notamos que as músicas poderiam ser mais trabalhadas e também ganhar mais espaço nas atividades, pois a mensagem do personagem apenas se intensifica na convergência dos seus meios, sendo que podemos inferir que o grupo de estudantes que lembrava das músicas conseguiu fortalecer o seu processo de comunicação com o Brasileco, com sua missão e com suas mensagens de cuidados com o meio ambiente, através de suas músicas.

4.4.5 Analisando a percepção dos estudantes sobre o Brasileco

Neste bloco de quatro perguntas, procuramos observar qual a percepção dos estudantes em relação à figura do Brasileco a respeito de pontos específicos.

Desse modo, na **questão de número 14**, solicitamos: "Marque com um X nas alternativas que mostram o que você sentiu quando esteve com o BRASILECO. (Pode marcar quantas alternativas quiser.)". Alternativas: a) Alegria b) Diversão c) Brincadeira d) Aprendizado/Educação e) Emoção f) Amizade g) Empolgação h) Chato i) Outro.

Como uma das etapas do trabalho, realizado pela escola com o livro do Brasileco, é um encontro dos estudantes com a autora da história, é neste momento que o Brasileco, em formato humanizado, também vai junto para interagir com as crianças. No encontro, as crianças podem abraçá-lo, tocá-lo, beijá-lo e fazer perguntas à autora sobre o que achar pertinente. Como o Brasileco não fala, esse também é um desafio para autora quando as perguntas chegam para o Brasileco.

Assim, essa é uma oportunidade em que os estudantes podem realizar a vontade de ver um personagem de uma história materializado. Eles demonstram gostar muito da presença do Brasileco e o sorriso no rosto, um olhar vibrante, a vontade de estar por perto para tocá-lo, são sinais percebidos nos encontros.

Eles puderam marcar quantas alternativas desejassem e ainda existia a opção onde eles poderiam escrever alguma ação que não estivesse ali. Logo, os percentuais apresentados são referentes ao valor de 100% das respostas, ou seja, cada alternativa é independente.

Com a análise de todas as opções assinaladas, observamos que essas inferências se afirmam, pois, como iremos demonstrar em uma escala decrescente de concentração, a alternativa que apresentou maior incidência foi "diversão", sendo escolhido por 75% dos estudantes que compuseram a amostra. Essa opção pode se justificar pelo momento de descontração que é proporcionado entre um bloco de perguntas e outro, pois as crianças ouvem as músicas, brincam, dançam e tiram fotos.

Em seguida aparecem as opções “alegria”, indicado por 70% dos estudantes, e “aprendizado/educação”, também indicado por 70% dos estudantes, que também podem ser justificadas pelas ações anteriores. Na sequência, observamos que a alternativa “brincadeira” surge quase com o mesmo grau que as anteriores com 68% de indicação dos estudantes.

A alternativa “amizade”, escolhida 55% dos estudantes, está bem próxima nas escolhas da opção “empolgação” por 45% dos estudantes. A alternativa “emoção” aparece perto das últimas duas citadas com 32% de indicação pelos estudantes. Essas características possibilitam acreditar que, para um grupo de crianças, o Brasileco pode tocá-las por meio do afeto, criando chances para desenvolver laços de referência e espaço para o diálogo.

Mais para o fim da escala surge a opção “outro” com 15% de indicação pelos estudantes, surgindo respostas como: “amor”, “feliz”, “interessante”, “conhecimento”, “ecologia”, “incentivação”, “nada”, “tédio”, “pouco animado”. Mais deslocado do restante das alternativas está a resposta com 8% de respostas.

Com essa questão, podemos verificar que os estudantes se sentem bem e felizes na presença do Brasileco, ele cativa e envolve as crianças para brincadeiras e para execução das atividades pedagógicas. Eles levam presentes para o Brasileco, como: bonecos reciclados do Brasileco, cartinhas com desenhos, modelo de arara-azul que mexe as asas, etc.

Em relação à **questão de número 15**, questionamos: “Você acha que o BRASILECO é mais um personagem para brincadeiras ou ele estimula você a aprender sobre o meio ambiente e a cuidar do Planeta? (Explique sua resposta.)”.

A maior parte das crianças, com 63% de indicação nas respostas, acredita que o Brasileco é um personagem que estimula o aprendizado sobre o meio ambiente e sobre os cuidados com o planeta. Essa informação possibilita que campanhas e atividades que precisem de um referencial para as crianças se identificarem e comunicar mensagens de conscientização possam se utilizar da figura do Brasileco e de suas mensagens.

Isso também contribui com a missão dele de formar brasileiros ecológicos, pois as crianças acreditam no personagem e no que ele fala. As respostas estão

abaixo; a justificativa foi escrita por vontade própria, pois não foi solicitado aos estudantes nesse sentido.

Algumas crianças indicam que ele serve para os dois, com 30% das respostas, e fazem referência ao boneco humanizado que é brincalhão e divertido. Há ainda um pequeno número de estudantes que afirma que ele apenas serve para brincadeiras, correspondendo a 7% das opiniões.

A seguir, apresentamos as contribuições das crianças que acreditam que o Brasileco estimula a aprender sobre o meio ambiente e a cuidar do Planeta: *“Ele estimula, porque ele é diferente dos outros personagens”*; *“Sim, porque ele é um personagem super ecológico”*; *“Ele estimula para eu aprender sobre o meio ambiente”*; *“Sim, porque fala sobre a natureza e eu gosto da natureza”*; *“Sim. Pois ele estimula as crianças”*; *“Sim. Porque muita coisa que eu não sabia aprendi lendo o livro”*; *“Acho que o Brasileco é ecológico e amigo”*.

Outras justificativas aparecem: *“Sim porque ele nos ensinou varias coisas”*; *“A aprender pois quando lemos aprendemos (uma carinha sorrindo)”*; *“O meio ambiente, porque é como que ele me ensinou”*; *“Sobre o meio ambiente pois ele fala, canta músicas sobre o ambiente”*; *“Ele faz eu aprender melhor sobre a natureza”*; *“Sim, pois demonstra o que fazemos de ruim ao meio ambiente, e o que devemos fazer”*.

Já as crianças que sinalizaram que ele serve tanto para brincadeiras quanto para aprender, justificam que: *“Ele é as 2 coisas. Ele é brincalhão e quer aprender sobre o meio ambiente”*; *“Os dois porque ele é divertido e faz as pessoas cuidarem da natureza”*; *“Os dois, pois a história dele é divertida e nos ajuda a aprender”*. Sobre as respostas para personagens para brincadeiras, temos: *“ele é um personagem para brincadeiras”*; *“mais para brincadeiras”*; *“para brincadeiras”*.

Na **questão de número 16**, questionamos: *“O que você mais gosta no Brasileco? (Você pode contar aquilo que mais chama sua atenção quando você está com o Brasileco, pode ser ao vivo ou no livro e nos cliques.)”*. Praticamente todas as crianças responderam essa pergunta com informações positivas, pois 80% dos estudantes disseram gostar do Brasileco. Um grupo pequeno, 20% dos estudantes, não respondeu ou disse que não gostava de nada.

As respostas transmitem alegria no conteúdo, isso demonstra que o personagem é aceito do seu jeito e que o seu propósito tem importância para as crianças, elas estão dispostas a recebê-lo por meio de sua mensagem. É possível observar que os estudantes aceitam interagir com o personagem e acreditam na sua missão.

As seguintes repostas transparecem essa constatação: *“Eu gosto no Brasileco sua ecologia”; “O cabelo do Brasileco”; “A atitude dele”; “Ele é muito divertido”; “A roupa dele é legal”; “O que mais chama atenção é o que ele faz para ajudar”; “Ao vivo a roupa dele”; “Eu gosto que ele ajuda os animais”; “Que ele cuida do planeta terra”; “Eu mais gosto no Brasileco que ele ajudou a natureza”.*

Encontramos, ainda, considerações ligadas ao campo da afetividade: *“Porque ele brincava com nós e dançava”; “A animação dele”; “O jeito de pensar e de agir dele. A alegria dele”; “Ele é animado”; “Ele sendo legal e querido”; “A personalidade legal, amigável!”; “Ele amar a natureza”; “A alegria”; “O carisma”.*

Outras justificativas destacam-se também: *“Ele é mágico”; “Eu gostei do cabelo dele e bem legal!”; “A empolgação com a natureza”; “TUDO”; “As suas cores e o seu jeito de ser pois ele cuida do meio ambiente”; “O coração verdadeiro e dedicado ao planeta terra”; “Por que ele é do Brasil”; “As suas falas”; “O cabelo verde o divertimento”; “As músicas”; “Gosto do jeito que ele pensa”.*

O grupo que informou não gostar de não ou não respondeu: *“Não, por que não tenho cabelo verde”; “Nada é chato”.*

Na **questão de número 17**, questionamos: *“Você se sente um BRASILECO? Por quê?”*. Podemos afirmar que praticamente todos os estudantes responderam positivamente a essa pergunta, somando 86% das opiniões. Assim, informaram que se consideram Brasileco, como poderá ser conferido nos motivos abaixo. As respostas aparecem bem diversificadas. Com um sim para essa pergunta, essa pesquisa consegue perceber que, mesmo as ações do Brasileco ainda serem pontuais, ou seja, limitada por um cronograma escolar, elas permitem alcançar o público infantil e cativá-los.

Logo, as repostas podem ilustrar essa afirmação: *“Sim, porque eu ajudo muito o meio ambiente”; “Sim porque eu ajudo o meio ambiente”; “Sim. Porque todo dia eu*

ajudo alguém”; “Sim. Por que quando as pessoas ajudam elas se sentem Brasileco”; “Sim. Porque eu aprendi muito com o Brasileco”; “Porque eu ajudo os animais”; “Sim. Por que eu só parecida com o Brasileco menos o papagaio”; “Sim porque respeito a natureza”.

Ainda é possível elencar outras contribuições: *“Sim por que protejo os animais”; “Sim, por que eu cuido do planeta”; “Sim porque eu cuido do meio ambiente”; “sim porque não deixo a natureza triste”; “Sim por que todos os dias sou um Brasileco”; “Às vezes quando eu ajudo outra pessoa”; “Sim que eu sou uma pessoa igual a ele”; “Sim, pois aprendi que devemos preservar o meio ambiente”; “Sim pois aprendi mais a cuidar do ambiente”; “Mais ou menos eu cuido do meio ambiente mas não tenho cabelo verde que é legal”; “Sim, adoro o Brasil”; Me sinto bem, pois ajudo o ambiente”; “Sim e não. Pois sou ecológica mas não sou chata”.*

Já o outro grupo, com 14% de indicação pelas respostas dos estudantes, que se expressou como não se sentido um Brasileco, dizem que: *“Não por que não tenho cabelo verde”; “Não, porque ele tem coisas mais difíceis”.*

Marcondes Filho (2008) contribui nessa perspectiva da interação pelo envolvimento, defendendo que situações de afeto e de abertura têm influencia no processo comunicacional, pois há a presença do incorpóreo – situado na alma dos sujeitos. Logo, se os estudantes se sentiram “tocados” no campo dos sentidos pela mensagem do Brasileco, isso possibilitou que a mensagem do personagem fosse propagada e que seu exemplo fosse seguido, ou, pelo menos percebido e registrado pelos alunos.

As crianças ao afirmarem que se sentem um “Brasileiro Ecológico”, possibilitam-nos acreditar que um processo de transformação aconteceu por meio do contato com o livro, com as atividades de sala de aula e com a interação delas com o boneco humanizado. Elas se deixaram tocar pela mensagem e sensibilizar-se pela história e motivação do personagem.

Ter o sentimento de Brasileco é também despertar o processo de afetividade, pois, mostra que os estudantes passaram por um estado de emoção, buscando/construindo um sentimento, um laço social afetivo com o Brasileco. Por Mohoney e Almeida (2005) entendemos que o sentir é a parte representacional do afeto e acaba por gerar ações concretas e não entusiastas.

Medina (2006) nos elucida que precisamos de uma interação social criadora, que deve passar pela ação comunicativa priorizando o diálogo e a transformação. Ainda para Medina (2006), precisamos, nos abrir para o lado sensível do conhecimento e entender que apenas com a experiência dos sentidos é que será possível estabelecer relações comunicacionais dialógicas. Essas seriam possíveis respostas para uma pedagogia da comunicação, acreditando que é pelo diálogo que podemos construir o caminho para termos uma comunicação que gere trocas e reflexões.

Por Wolton (2011), essa é uma concepção humanista da comunicação, a qual considera a troca como motivadora das experiências humanas e sociais. Assim como esse teórico, acreditamos que a comunicação voltada para desenvolver a consciência ambiental em crianças só irá gerar reflexos positivos se o processo for guiado pelo diálogo e pelo espaço de interação para as falas entre os diferentes sujeitos, respeitando a colaboração de cada parte envolvida.

5 CAMINHOS POSSÍVEIS

Pelos caminhos percorridos para realização da pesquisa, percebemos que a ligação entre os campos da Comunicação e da Educação, em especial com enfoque ambiental, está estreitando as suas práticas, buscando fortalecer os seus discursos. Dessa forma, acreditamos que a formação do comunicador social deva permear pelos diferentes saberes, fortalecendo a transdisciplinaridade do seu conhecimento, formando uma visão holística, ou seja, percebendo de forma integrada o todo ao seu redor. Assim, o comunicador deve estar atento às diversas questões que influenciam a vida dos sujeitos, as quais podem impactar positiva ou negativamente, como os assuntos relacionados às questões ambientais. Deve-se considerar, também, que os educadores ambientais apoiam-se na comunicação para desenvolver e lutar pelo que acreditam, assim, a troca entre as duas áreas só permite enriquecer e popularizar essas novas ciências.

Entendemos que para viabilizar os processos de comunicação, com o intuito de conscientizar e informar os sujeitos, são utilizados alguns recursos e didáticas que se aprimoram e se reinventam a todo o momento, principalmente quando o público a ser cativado é o infantil. Por conseguinte, entendemos que determinadas práticas e instrumentos acabam despertando um maior engajamento, sensibilizando as crianças, como, por exemplo, os personagens infantis. Esses recursos da comunicação se utilizam da ludicidade para facilitar a troca de conteúdos e acabam, por vezes, gerando um espelhamento de comportamento nos pequenos.

Nesse sentido, compreendemos que o problema que norteou a pesquisa (Como um personagem infantil se utiliza da Comunicação para auxiliar na sensibilização de estudantes em relação ao desenvolvimento de uma consciência ambiental?) assim como o objetivo geral (analisar de que forma a Comunicação contribui com as ações relacionadas ao desenvolvimento de uma consciência ambiental de estudantes utilizando a figura do personagem infantil Brasileco na sensibilização desses sujeitos) puderam ser respondidos positivamente. O trajeto metodológico escolhido possibilitou chegarmos aos dados necessários para tecer as possíveis inferências.

Desse modo, compreendemos que o personagem utiliza a Comunicação de uma forma coerente ao seu objetivo, dialogando com os pressupostos dos autores apresentados, respaldando a sua prática comunicacional. Percebemos, então, que o Brasileco faz uso da Comunicação por meio do diálogo estabelecido através do seu livro e das suas músicas, como também pelos vínculos afetivos e trocas de saberes nos encontros presenciais e pelo estímulo aos estudantes na busca por novas vivências ambientais. Entendemos também que ele utiliza o princípio educador e pedagógico da Comunicação, conceitos apresentados por Freire e Medina. A sua aparência também é capaz de contribuir com esse despertar da consciência ambiental, pois estão intrínsecas, nas suas características físicas, as mensagens ambientais.

Em relação aos objetivos específicos, entendemos que o primeiro - identificar que elementos caracterizam a comunicação entre o Brasileco e as crianças - foi alcançado, pois foi possível perceber que há uma identificação com o personagem e o uso do diálogo caracteriza esse vínculo. Os estudantes demonstraram que acreditam no Brasileco e que há confiança na sua mensagem. Outros fatores que podem ser citados são o afeto, o carinho e o entusiasmo que as crianças sentem pelo personagem.

O segundo objetivo - investigar se há identificação entre as crianças e o personagem – também foi atingido, pois uma das questões do questionário abordava diretamente essa questão e outras também puderam ser capazes de resultar em tal conclusão. Assim, como a maior parte dos estudantes respondeu que sim, que se sentiam Brasilecos, percebemos que existe uma identificação entre as crianças e o personagem que estudaram e com o qual interagiram pessoalmente. Os estudantes se deixaram cativar e envolver pela missão do personagem, permitindo o estabelecimento de uma relação de vínculo.

O último objetivo específico - verificar se o processo de comunicação desencadeado pelo Brasileco pode engajar os estudantes nas ações propostas para a educação ambiental – também foi alcançado. Por meio de diferentes ações, como o seu livro, as músicas, e suas visitas à escola, percebemos, pelas respostas, que os estudantes mudaram de comportamento. A maioria apontou querer ser Brasileco

e que gosta do personagem pela sua missão. Verificamos que o processo de comunicação precisa melhorar e se intensificar entre o personagem e os estudantes, mas o que está sendo feito já colaborou para as crianças despertarem o olhar para as questões ambientais e saber da importância do seu papel nesse processo, desenvolvendo sua consciência ambiental.

Devemos salientar que o Brasileco, na sua história, estabelece um processo dialógico com a Arara-Azul, havendo a transformação na percepção de cada um. E, esse mesmo diálogo crítico e instigante, deve ser motivado e incentivado com as crianças, tanto em sala de aula quanto em suas casas com pais, familiares e amigos. Essa ação irá contribuir com o desenvolvimento da consciência ecológica que estamos buscando despertar, pois só com o diálogo e com a interação nasce o conhecimento e a vontade de mudar.

No momento que esses estudantes estão buscando o diálogo, e esse ocorre de modo transparente e nas condições de igualdade que coloca Wolton, pois assim evita a incomunicabilidade, chega-se à convivência e à relação com outras pessoas. Esse comportamento possibilita a criação da corrente do bem que a Arara-azul coloca para o Brasileco. Afirmamos, então, que só a comunicação é capaz de possibilitar que essa corrente se forme, pois serão despertados laços sociais, elos ecológicos e uma relação de afeto entre os sujeitos e o ambiente e, por que não, entre esses próprios.

Sabemos que essa dimensão que se apresenta como um movimento subjetivo é difícil de alcançar empiricamente, pois é preciso que as pessoas estejam dispostas a se envolverem e se entrelaçarem, para que algo ou alguma ação seja realizada. Os sujeitos precisam se despir de preconceitos, arrogâncias, medos, receios, atitudes de acomodação e se permitirem mudar. Mover-se ao encontro de algo que beneficiará a todos. Pensar esses movimentos parece mais fácil do que a práxis, mas sabemos que se conseguirmos dar o primeiro passo, o resto vem “como uma onda”.

Por fim, compreendemos que a comunicação é constitutiva da educação ambiental (como da educação com um todo). O educador precisa enxergar que tem na sua frente um sujeito, que deve ser olhado no olho, que tem sua história, suas

vivências, seus saberes (mesmo sendo criança), sua linguagem. Dessa maneira, entendemos que a comunicação estabelecida entre um personagem e os estudantes é capaz de tecer diálogo, troca e experiências. O Brasileco e suas músicas se mostraram capazes de despertar a alfabetização ecológica pelo viés de uma pedagogia da comunicação.

REFERÊNCIAS

- BORDENAVE, Juan E. Díaz. **O que é Comunicação**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- BRAGA, José Luiz, e CALAZANS, Regina. **Comunicação e Educação: questões delicadas na interface**. São Paulo: Hacker, 2001.
- CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico**. 4. ed. São Paulo : Cortez, 2008
- CONTRERA, M. **Vínculo Comunicativo**. In: MARCONDES FILHO, Ciro (Org.). Dicionário da Comunicação. São Paulo: Paulus, 2009, p. 354-355.
- FREIRE, Heike. **Educação Verde para crianças saudáveis: ideias e práticas para incentivar o contato com meninos e meninas com a natureza**. Tradução de Cláudia Gerpe Duarte. Eduardo Germe Duarte. São Paulo: Cultrix, 2013.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação**. 15. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011a.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 14. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011b.
- FURNO, Malu. **Brasileco – O início da aventura**. 2.ed. Porto Alegre: EcoBrasil, 2013.
- GIL, Antonio C. **Métodos e técnicas em pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- KÜNSCH, Dimas. **Saber, afeto e compreensão: epistemologia da comunicação e dialogia**. Líbero – São Paulo – v. 14, n.27, p.31-42, jun. de 2011. Disponível em: <<http://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/05/Texto-em-contexto-Saber-afeto-e-compreens%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 12 de abril de 2014.
- MAHONEY, Abigail Alvarenga; ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. **Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon**. Psic. da Ed., São Paulo, 20, 1º sem. de 2005, p. 11-30. Disponível em: <<http://www.ceunes.ufes.br/downloads/2/apmorila-MAHONEY,%20ALMEIDA.%20afetividade%20e%20processo%20ensino-aprendizagem%20contribui%C3%A7%C3%B5es%20de%20Henri%20Wallon.pdf>>. Acesso em 13 de junho de 2014.
- MARCONDES FILHO, Ciro. **Para entender a comunicação: contatos antecipados com a nossa teoria**. São Paulo: Paulus, 2008.

MARCONDES FILHO, Ciro (Org.). **Dicionário da Comunicação**. São Paulo: Paulus, 2009.

MARTINS, Gilberto de Andrade; THEÓPHILO, Carlos Renato. **Metodologia de investigação científica para ciências sociais aplicadas**. - 2ed. – São Paulo: Atlas, 2009. p. 90-93.

MEDINA, Cremilda. **O signo da Relação – Comunicação e Pedagogia dos Afetos**. São Paulo: Paulus, 2006.

MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE. Educação Ambiental. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/educacao-ambiental/politica-de-educacao-ambiental>>. Acesso em: 18 nov. 2013.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 8. ed. Rio de Janeiro, RJ : Bertrand Brasil, 2008

PIAGET, J. **A psicologia da criança**. Ed Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998

REIGOTA, Marcos. **O que é educação ambiental**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SILVA, Fabiano; SAMMARCO, Yanina; TEIXEIRA, Andréa. **Educação Ambiental Lúdica: Diálogo do corpo, lazer e arte**. In: LISBOA, Cassiano; KINDEL, Eunice (Orgs.). Educação Ambiental: da teoria à prática. Porto Alegre: Mediação, 2012

VYGOTSKY, L. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

WOLTON, Dominique. **Informar não é comunicar**. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2011.

APÊNDICE A – Questionário aplicado aos estudantes dos 4º e 5º anos das séries iniciais no ano base de 2014 do Colégio Maria Auxiliadora, Canoas – RS

Questionário divertido sobre o **BRASILECO**

Identificação

Qual é a sua idade: _____ Você é: () Menina ()
Menino

Qual é a sua turma: _____

1º Passo: Conversando sobre a história do **BRASILECO**

1) Você ainda se lembra do **BRASILECO** e da sua missão com o planeta?
(Conte o que faz você se lembrar do personagem e explique com suas palavras a missão dele)

2) Você gostou de conhecer a história do **BRASILECO**? (Fale o porquê da sua resposta)

3) Você já conhecia o problema causado pelo buraco na camada de ozônio e o efeito dos gases estufa antes de conhecer a história do **BRASILECO**? (Conte se sim ou não e diga o motivo da sua resposta)



4) Qual a parte da história do **BRASILECO** que mais lhe chamou atenção? (Aqui você pode escrever ou pode desenhar. Se quiser também pode fazer as duas coisas.)

5) Você lembra qual o significado do nome **BRASILECO**? (Escreva com suas palavras)



6) O que é ser **BRASILECO** para você? (Explique com suas palavras o que você acredita ser um **BRASILECO**)

2° Passo: Vamos conversar um pouco sobre a aparência do **BRASILECO**

7) Você se lembra qual a cor do **cabelo** dele? E você sabe o porquê dessa cor?

8) Você sabe quais são as cores da **roupa** dele?

9) O **BRASILECO** pediu para Vovó Nina colocar uma figura na camiseta dele na posição do coração. Você se lembra o que é e qual o motivo dele pedir isso?

10) Você acha importante que o **BRASILECO** tenha essas características físicas?

3º Passo: Conversando sobre o interesse no **BRASILECO** e a mudança de hábitos

11) Você já falou sobre o **BRASILECO** e qual a sua história para alguma outra pessoa além dos seus pais? (Você pode marcar quantas opções quiser.)

a) Avós

b) Tios

c) Primos

d) Padrinhos

e) Amigos

f) Outra pessoa:

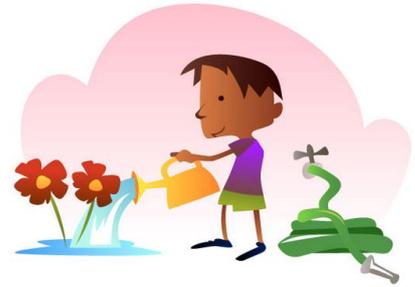
g) Eu não falei do **BRASILECO** para ninguém.

12) Você começou a fazer alguma coisa para colaborar com o cuidado do nosso planeta Terra em sua casa e na sua rotina depois que conheceu o **BRASILECO**?

Marque com um X nas opções que você se identifica. Pode marcar mais de uma.

a) Separar os resíduos (lixo) em seco e orgânico.

b) Economizar água.



c)

Fechar a torneira ao escovar os dentes. d) Não jogar resíduos (lixo) no chão ou na rua.



e) Não demorar tanto no banho.

f) Não desperdiçar alimentos.



g) Cuidar do ambiente e dos animais. h) Ir mais a locais que ofereçam contato com a natureza.



4° Passo: Conversando sobre as músicas do **BRASILECO**

13) Você se lembra de algum trecho de umas das músicas do **BRASILECO**? Escreva, por favor, a parte que você lembra e qual a sua música preferida do **BRASILECO**.

5° Passo: Analisando a percepção dos estudantes sobre o **BRASILECO**

14) Marque com um X as alternativas que mostram o que você sentiu quando esteve com o **BRASILECO**. (Pode marcar quantas alternativas quiser)

a) Alegria

b) Diversão

c) Brincadeira

d) Aprendizado/Educação

e) Emoção

f) Amizade

g) Empolgação

h) Chato

i) Outro: _____

15) Você acha que o **BRASILECO** é mais um personagem para brincadeiras ou ele estimula você a aprender sobre o meio ambiente e a cuidar do Planeta? (Explique sua resposta.)

16) O que você mais gosta no **BRASILECO**? (Você pode contar aquilo que mais chama sua atenção quando você está com o BRASILECO, pode ser ao vivo ou no livro e nos cliques.)

17) Você se sente um **BRASILECO**? Por quê?

Obrigada por sua participação!

Sua ajuda foi muito importante para o meu Trabalho de Conclusão de Curso!

Jamille Almeida da Silva



APÊNDICE B – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARTICIPAÇÃO DE ESTUDANTE EM PESQUISA PARA TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

O(a) estudante, sob a responsabilidade de seus pais ou responsável, está sendo convidado(a) como voluntário(a) a participar da pesquisa intitulada “A Educação Ambiental na Perspectiva da Comunicação: Análise do Projeto de Educação Ambiental Brasileco”, da graduanda em Comunicação Social/UFRGS, Jamille Almeida da Silva, orientada pela professora Dra. Ilza Maria Tourinho Girardi.

A pesquisa consiste em respostas ao “Questionário divertido sobre o BRASILECO”, o qual apresenta vinte e duas perguntas sobre o livro, as músicas, os videoclipes, o personagem e como o estudante relaciona-se com o ambiente, o qual segue em anexo para sua análise.

A escolha dos alunos do Colégio Maria Auxiliadora justifica-se pelo fato dos estudantes já terem trabalhado com o livro do Brasileco e por terem tido contato presencial com o personagem no Colégio por atividades pedagógicas.

Objetivo do estudo é analisar de que forma a comunicação contribui com as ações relacionadas à educação ambiental de estudantes das séries iniciais, utilizando a figura do personagem infantil Brasileco na sensibilização desses sujeitos.

Todas as informações obtidas neste estudo poderão ser publicadas com a finalidade científica, **porém será preservado o completo anonimato da identidade do(a) estudante.** Os questionários serão guardados pela pesquisadora e destruídos com a finalização do trabalho.

Na concordância da participação do estudante sob sua responsabilidade, por favor, preencha os dados do estudante e os seus dados abaixo. No caso de não concordar com participação do estudante basta não devolver este termo e o questionário respondido pelo aluno que segue anexo.

Os resultados do estudo estarão à sua disposição quando finalizada a pesquisa, como também para Escola Maria Auxiliadora. Em caso de dúvidas, o(a) senhor(a) pode entrar em contato com a responsável pela pesquisa por telefone ou e-mail: (51) 8487-8494, jamille.almeida@ufrgs.br; ou com a professora orientadora pelo telefone (51) 98518691.

AUTORIZAÇÃO

Eu, _____, portador(a) do documento de
Identidade _____, responsável pelo menor
_____, fui informado(a) dos objetivos do presente
estudo e declaro ter lido as informações acima antes de assinar este documento. Por este
instrumento, tomo parte, voluntariamente, do presente estudo.

Canoas, ____ de _____ de 20__.

Assinatura do(a) Responsável